

ASSIGNATURAS  
 ANNO.... .... 20\$000  
 SEMESTRE.. .... 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

Escritorio e Officinas  
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25  
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

Depois das brilhantes provas do valor do nosso exercito na guerra do Paraguay, uma vez apenas, ha vinte e cinco annos, fizeram-se exercicios de algum valor instructivo, sob o commando do condé d'Eu, nos campos historicos de Santa Cruz.

A arte da guerra fez de então para hoje progressos extraordinarios. As lições deduzidas dos sangrentos duelos de povos da Europa, da Asia, da America, em batalhas que deixaram sulços sinistros no mar, disseminaram pelos campos sepulturas, onde dormem heróes ignorados, perdidos na promiscuidade das hecatombés monstruosas, combates que modificaram fronteiras e transformaram a politica mundial. As lições dessas catastrophes horribéis incitaram as energias intellectuaes ao aperfeiçoamento dos meios de destruição e defeza. Todas as sciencias exactas concorreram, á porfia, para garantirem a supremacia e a segurança dos povos desenvolvendo-lhes a força, avigorando-lhes o poder á sombra suave dos frondosos loureiros da paz.

Durante aquelle quarto de seculo, nós não nos preocupámos com a instrucção do nosso exercito, nem da nossa marinha, sinão organisando o ensino superior, seminarios de officiaes dontores, mais competentes em sociologia do que em arte militar. Comprámos couraçados, que apodreceram roídos pelas intemperies do oceano, navios ornamentaes, cujas machinas estavam sempre desarranjadas; adquirimos canhões que fôram successivamente caído em desuso, armamento ligeiro que teve a mesma sorte, porque nisso de apetrechos bellicos tambem inflúe poderosamente a *moda*, constantemente transformada de accordo com os resultados da experiencia, das phantasias do genio dos inventores, das conquistas precipitadas do empenho de reforma, instavel,

ancioso de formas novas, de maneiras inéditas, em todas as manifestações da actividade insaciavel na conquista da maior somma de utilidades para o bem e para o mal.

Em compensação, nenhum exercito do mundo tinha mais complicado e meticuloso regimen administrativo; nenhum realisava estudos mais atrahidos e mais pomposos, euchendo os archivos de pareceres eruditos, de trabalhos scientificos, capazes de formar uma succulenta e copiosa litteratura militar.

Mas toda essa actividade, todo esse inutil dispendio de intelligencia, de penoso trabalho se escoava inefficaz, perdido no tremedal de papelorio asphyxiante. Consumiamos mais papel do que polvora, mais palavreado do que balas. E todo o regimen militar se estiolava imprestavel nos tramites das secretarias, servindo sómente para fornecer meio de vida a burocratas invalidos, encarregados da perpetuação dos carunchosos vicios anachronicos, que infestam todo o nosso serviço publico.

Conta-se que, necessitando de moringues, a guarnição do forte de São Marcello, na Bahia, a terra classica desse genero de ceramica indigena, teve o commandante, conforme o regulamento, de pedil-as ao commandante das armas, o qual, por sua vez, enviou o pedido ao ajudante-general para que este, com ordem do ministro da Guerra, o transmittisse á Intendencia. Depois das informações de rigor, para verificar si uma duzia de moringues seria ou não excessiva, si a guarnição do forte necessitava, na verdade, desses vasos para refrescar a sua agua, o pedido foi satisfeito: a duzia de moringues foi remetida para a Bahia, donde se fretou um bote para transportal-as, em um caixão muito bem pregado e copiosamente marcado de letreiros gigantescos, para a fortaleza onde eram, havia mezes, anciosamente esperadas. Mas para abrir esse caixão era indispensavel, nos termos do

regulamento, uma commissão nomeada depois de uma vertiginosa troca de officios. Essa commissão transportou-se ao inexpugnavel reducto, defensor venerando da barra da Bahia, e abrindo com as solemnidades legaes o famoso caixão, certificou num termo, cheio de authenticidades, que todos os moringues estavam quebrados. O facto foi notificado por meio de um officio, cheio de lamentações sinceras, ao commandante do districto, o qual, por sua vez, enviou a triste noticia ao ministro da Guerra, atilado cavalheiro que, informado pelas repartições competentes, deliberou que os moringues fôsem comprados na Bahia.

Incidentes dessa ordem são demasiado frequentes e se reproduziam de maneira assustadora, demonstrando os vicios da centralisação administrativa do exercito, cautelosamente mantida pelos seus directores para evitar a fraude, porque a regra era e é administrar na supposição desconfiada de que todos os auxiliares e, principalmente, todos os fornecedores são uns refinados ladrões que devem ser vigiados com os cem olhos do cerbéro mythologico.

Em virtude dessa centralisação chegou-se á perfeição de serem feitos os fornecimentos para as guarnições de todos os Estados pela Intendencia geral. Os sapatos, as ceroulas, as fardas e os capotes dos soldados da guarnição de Maranhão, como da de Goyaz ou Matto-Grosso, deveriam forçosamente ser pedidos ao centro e padecerem, além dos inconvenientes da demora, as extraordinarias despezas de encaixotamento e transporte.

Deu-se, muita vez, o caso, atróamente ridiculo, de não serem feitos fornecimentos indispeusaveis, urgentes, por ser impossivel organizar as commissões, conforme o especioso regulamento, incumbidas de recebê-los com todos os sacramentos preservadores do espectro da fraude.

Pouco se lhes dava que os soldados, desterrados naquellas longinquas paragens, andassem descalços, rotos, esfarrapados como mendigos; a observação dos regulamentos era inestimável vantagem de efeitos negativos na pratica, mas essencial para attestar o escripturioso rigor da administração dos negocios da Guerra.

A Republica, creando merecidas vantagens para o exercito e para a armada, que a proclamaram como procuradores do povo, não alterou o regimen de centralisação; antes, o desenvolveu em mais larga escala, para que se não allegasse a desidia de manter intactos os regulamentos da monarchia. Diversas refórmulas scientificas fôram successivamente feitas nos institutos de educação militar, augmentaram-se os quadros de officiaes superiores, de generaes, dotando-se o exercito com quatro marechaes; mudaram-se nomes de postos, na marinha, com a mesma solicitude com que se alteram os nomes das ruas, attingindo-se a sublimidade de, em vez de commandantes das armas, serem instituidos commandantes de districtos.

Essas refórmulas de papel não penetravam o amago da força armada, não lhe modificavam a organisação e ella se desorganisava, desviada da sua funcção technica, ou se anquilosava na inercia fatal da preguiça de uma prolongada paz.

A revolta de 1893 nos surpreendeu assim desorganizados, atufados até ás orelhas nas fossas do papelorio. As nossas fortalezas, esses espantalhos postados de sentinellas, fingindo defenderem a bahia de Guanabara, não tinham munições; cada uma dellas possuia um fecundo e riquissimo archivo. De um e outro lado, os contendores não manifestaram conhecimentos de arte militar, nem mesmo essa habilidade vulgar de manobrar com canhões e acertarem no alvo, porque os exercicios de tiro ao alvo, eram dispendiosos, cada projectil de um canhão moderno consumindo, em pura perda, centenas de mil réis nos tiros de precisão, era méro artigo de ornamentação de funcção incompativel com as debéis forças dos orçamentos. O governo achou-se na dura contingencia de improvisar os meios de defeza da ordem publica, donde resultou se prolongar a revolta durante seis mezes e custar

ao nosso magro erario a fabulosa somma de *novecientos mil contos, um terço mais* que a guerra do Paraguay.

A dolorosa experiencia desse memoravel accidente que ensanguentou a Republica, proclamada entre flôres, não teve a eloquencia de convencer os nossos homens competentes da urgencia de uma refórma effcaz, tanto quanto possivel radical, proscrevendo os evidentes vicios da organisação militar. Caímos na primitiva pasmeira classica. Os soldados desoccupados promoviam disturbios, rôlos ou revoluções. Os officiaes se consagravam á politica, conforme os preceitos de Augusto Comte, apparelhavam ramalhetes para Clotilde de Vaux ou organisavam um club militar que se consagra a tudo, menos ao estudo da patriotica, da divina arte de guerra.

A jornada de Canudos deu num memoravel, num triste fracasso, em que fôram immoladas á ineptia dos chefes, vidas preciosas de soldados desamparados de governo, de brilhantes officiaes pela bravura indomita, sacrificados brutalmente pela imprudencia, pela ignorancia dos mais elementares preceitos de tactica. Cinco mil homens estacaram deante de um grupo de jagunços fauatisados, porque os soldados, valentes, resignados, superiores ás mais extenuantes fadigas das marchas mal organisadas, não tiveram quem os conduzisse em manobras elementares.

A chaga da velha organisação, desnudada no desastre de Canudos, não nos serviu de lição proveitosa, não nos incutiu um sentimento de revolta contra os vicios evidenciados em horrivel demonstração. Cicatrizados os traumatismos da terrivel e vergonhosa tragedia, voltámos ao jugo das praxes caducas.

\*  
\* \*

As manobras emprenhidas pelo general Hermes da Fonseca, forte rebento de uma gloriosa estirpe de soldados heróes, destacaram, num deslumbrante relevo, os defeitos e qualidades do exercito, assim como os vicios da organisação militar.

Ficaram fóra de duvida as qualidades de resistencia do soldado, uma admiravel intuição para apprehender, rapidamente, os termos e o espirito das ordens, uma desopilante dóse de

bom humor para amenisar as fadigas extenuantes das marchas, das manobras executadas com toda as asperezas de um verdadeiro estado de guerra. Verificou-se que esse soldado, na apparencia bisonho, mal amaneirado, mal embiocado nas fardas absurdas que a macaqueação nacional lhes impingiu, era da mesma estofa dos valentes brasileiros que deixaram luminosos riscos de heroismo na historia patria, eram successores legitimos dos bravos de Monte-Caseros, Riachuelo, Tuyuty, supprindo com prodigios de valentia as falhas da ineptia dos generaes, os funestos erros da ignorancia, da desidia dos organisadores da defeza nacional.

Em magnifico destaque sobresaíu a capacidade dos officiaes, aliás educados com demasiada sobrecarga de theorias, empolgando de salto as lições da pratica, verdadeiros repentistas, apprendendo e executando com incomparavel criterio e prompta intelligencia.

O mais notavel resultado das manobras foi que possuímos primorosa massa militar, elementos de primeira ordem, capazes das mais elevadas perfeições nas mãos de modeladores competentes. A nossa força armada necessita de chefes que emprehendam o derrocamento da rotina até aos alicerces vetustos, de chefes que lhe ensinem a arte militar.

A iniciativa do general Hermes da Fonseca teve admiravel exito: é um incentivo patriotico que não poderá ser demasiado encarecido e honra as tradições do seu nome glorioso, um nome que repercute nos corações brasileiros como um toque de clarim victorioso.

POJUCAN.

## O ESTUDANTE OXALÁ

Ha meio seculo, desapareceu *Oxalá*, e agora se começa a fallar delle com muito interesse.

O *Jornal do Commercio* encheu, ha pouco tempo, as suas paginas com apreciações desse homem exótico, escandalo do seu tempo e *specimen* de louco, que os physiologistas mal poderão classificar.

O sr. Araripe Junior, auctor desse trabalho, que deve ter feito búlha no Rio-de-janeiro, tão avido de leituras

que o desenfadem, foi, todavia, succinto e rapido de mais, cinzelando o busto de *Oxalá*. Este doido de casaca nasceu no Crato, e era parte da familia Baptista, muito antiga e numerosa daquelle terra e grandemente assignalada pelas fraquezas do miôlo de alguns dos seus maiores, escasso intellecto ou falta de *insenso*, como dizem os aldeões.

Os Baptistas produziram Romão José Baptista, antigo major de milicias, que deixou muito de que ainda hoje se riam os que lhe possuem a tradição. Era conhecido por Ti Romão.

Uma vez, dizia elle, tratando de um filho, que queria fazer—padre:

—Já lhe comprei uma *Aniceta* e uma *Leprosa*, para entrar no estudo; quero mandal-o para o *Cemiterio*.

Querida dizer — Já comprei uma *Selecta* e uma *Prosodia*; quero mandal-o para o Seminario.

Outra vez, á noite e ás escuras, vinha pelo corredor da sua casa, quando uma preta lhe gritou;

—Olhe! meu Senhor, uma gamella d'agua quente está por ali! Ti Romão deu um grito, dizendo:

—Ai Jesus! quem sabe si já não me *queimé!*

Dando uma queda, levantou-se a gemer, com as mãos apertando uma perna.

—Quebron? perguntou alguém.

—Não,—respondeu elle—*envergué!*

Fallando dos disparos de metralha, que os legalistas tinham feito no Icó, sobre os pintistas, em 4 de abril de 1832, elle chamavá áquillo—*mitriaga*.

Deixou muitas anedotas esse typão.

Baptista, de bôa gemina, deve ter sido *Oxalá*, que, estudando, passou a assignar—*Joaquim Francisco Baptista, e Mello Oxalá*. A virgula não dispensava, pelo muito respeito que tinha á conjuncção.

O cognome de *Oxalá* lhe veio da retumbancia da palavra, que lhe sonbe muito ao ouvido, e repetia.

Temos, como verdade firmada, que os paes de *Baptista, e Mello* emigraram, como muitos outros moradores do Crato, na secca de 1825, para o municipio de Jaicós ou outro do Piahy, fronteiros do Crato.

*Oxalá* era branco, com casta, alvo, mas de cabello grosso e preto; com o angulo facial pouco caucasiano.

Ollhado bem, podia dizer-se um mulato disfarçado, sangue d'Africa em dynamisação centesima.

Quando homem feito, adquiriu estatura ordinaria, dispunha de musculatura herculea, tinha largas as espaldas e eram-lhe as mãos duas formidaveis manóplas, o que lhe infundia coragem, mesimo ousadias.

Era pobre de origem; seu pae, quando muito, seria *remediado*, como dizem nos sertões. *Oxalá* começou a vida no lugar Bôa-Esperança, onde

tinha fazenda de crear e collegio de humanidades o philantropo padre Marcos de Araujo Costa, a maior personalidade util do Piahy: nos seus começos. Padre Marcos era seu padrinho, e o teve na sua casa, onde *liberalisava* o ensino a quantos procuravam o pão do espirito, assistindo-os com todos os gastos.

Diversos moços do Crato se acolhiam a esse aprisco, e um delles foi Marcos Antonio de Macedo, que veio a presidir áquella provincia; foi juiz de direito de Vassouras, e morreu em Sttutgard em utilissimo serviço das letras e sciencias.

O seu livro de viagem á Palestina, a sua monographia sobre a carnaluba, o seu opusculo sobre canalisação e açudagem e, primitivamente, a sua memoria e trabalhos graphicos sobre a canalisação do S. Francisco, valem bem esta menção.

*Oxalá* deve ter sido mandado para o curso juridico de Olinda por subscrição, como era facil naquelles tempos e, principalmente, por protecção do seu benemerito padrinho, quando, bem ou mal, terminados os seus preparatorios. Parece ter vindo dalli visitar sua familia e o protector, antes de derramar-se por este mundo, a fazer tanta esturdice.

Em abril ou maio de 1831, já se achava em Pernambuco o estudante de Bôa-Esperança, que pretendia cursar a escola de direito de Olinda. Garrulo, andejo e *cacête*, por amor do enfado que causava em casa dos passageiros Ignacio Brigido, Xavier de Souza e Aleixo, vindos do Rio, só a esforços da senhora do primeiro escapou de ser lançado, varanda abaixo, na calçada de pedra da rua da Cruz, por dois possantes sequazes de Pinto Madeira, que se hospedava na mesma casa. Este chefe dos *columnas* do Ceará, que acabou no patibulo em consequencia da revolta sangrenta de 1832, achou aquillo muito comesinho, muito natural, e explicou, dizendo: — D. Vincencinha, fui eu quem mandou atirar á rua esse *massante*, para não aborrecer mais a vósnicê!

O seu fraco era ter-se como notabilidade e impôr-se á consideração publica; o methodo era, porém, extravagante.

Em viagem, affrontava os camponezes com os seus modos de affectada distincção, fazendo de gentil-homem, mettido em grandes botas de montar, encasacado, com pagem á rectaguarda.

Estava, certa vez, de viagem para os lados do Ceará, deixando Jaicós a dois dias, quando se lembrou de fazer a barba. Começando, sentiu que a navalha cortava mal, parou, e, chamando o seu pagem, disse-lhe:

—Monta a cavallo, váe a Jaicós e compra-me um outro estojo.

E ficou de barba a meio até o terceiro dia, quando chegaram os novos cutellos!

Outra vez, tendo saído da casa do seu padrinho, de grande distancia fez voltar para alli o homem, a fim de entregar-lhe este bilhete: *Meu padrinho. — Mandé os meus, que ficaram em cima da mesa, oculos.*

Em Olinda, *Oxalá* era objecto de constante debique dos seus camaradas do curso juridico, os quaes lhe armavam incessantes *esparrellas*.

As suas presumpções o fizeram pedante em excesso. Elle se acreditou poeta, e compoz um máu soneto, que era motivo de seus desvanecimentos. Si lhe pediam para recital-o, perguntava:

—Quer que recite com emphase?

Muito ás quedas e no sarilho constante em que os rapazes e traziam, *Oxalá* atravessou o 1.<sup>o</sup> anno do curso juridico, mas tropeçou no 2.<sup>o</sup>, e caíu.

Intrigado com o director do curso juridico, padre Coelho, e o professor Chagas, por motivo das suas reprovações, armou-se de duas bengalas, cada qual com o nome de um desses individuos, e procurou encontral-os de geito. O mais infeliz foi o padre Coelho, que elle encontrou primeiro, quebrando-lhe um dedo com uma bordoadá tremenda.

Processado e condemnado, mandaram-no para o presidio de Fernando de Noronha, onde cumpriu parte da pena, obtendo perdão do resto. Veio dahi dizer-se, de então em diante, quando se dirigia ao publico — que era um filho infeliz de Minerva, educado em direito até o 2.<sup>o</sup> anno. Apprazia-se de lhe chamarem — *doutor*, envergava casaca e portava grosso bordão com o falso nome de bengala.

Nesse porte e nesse habito, surgiu na Fortaleza, no quinquennio de 45, a 50, e quiz advogar; depois, de subito, desapareceu.

E' que tinha accetado o serviço de capitão de bandeira de um navio que importava africanos, substituindo o effectivo, que fugia de ser enforcado na gavea do *Riflemán*, o qual dava caça, nas costas do Brazil, aos navios empregados no trafico.

Foi feliz, e voltou rico ao Ceará, onde tinha deixado a mulher e filhos menores, especie de familia Benoiton, de que Victorien Sardou nos deixou duradoura memoria. Vinha carregado de despojos; trazia arreios aciganados, de muita prata e um palanquin para transitar nas areias da pequena e descalça capital. Poz venda de molhados, e quiz enveredar-se na politica, apresentando-se candidato á deputação geral, e fez sua apparição na imprensa.

Verdeixa, diabo vivo, embóra padre, se apoderou delle no seu *Juiz do Povo*, jornal de ironias mil e perpetuos sar-



carmos, e declarou-se o paladino da sua candidatura. Apresentando-o ao eleitorado, disse que não conhecia alguém mais digno da *cadeia velha*. Cadeia velha chamava a imprensa do tempo á Camara dos deputados; cadeia velha chamavam no Ceará a uma mais antiga de duas que existiam na Fortaleza.

Muito lisonjeado dos conceitos de Verdeixa, *Oxalá* foi exhibir-se ao padre Antonio Pinto de Mendouça, personagem politico e candidato da quadra eleitoral, falando-lhe da apresentação de Verdeixa.

Pinto de Mendouça, maligno que era, explicou de que *cadeia velha* falava aquelle, e *Oxalá*, em fúria, partiu a procurar o patife redactor.

Verdeixa, surprehendido, teve que falar, muito mauo, da insidia do seu irmão em Christo, cuja interpretação, provou a *Oxalá*, outra coisa não era sinão ciúme de Pinto, vendo ligado á bôa causa dois homens do valor delles — Verdeixa e *Oxalá*!

O quixotico candidato voltou a tomar uma satisfação a padre Pinto e este com sua *nonchalance*, mais accentuadamente fez a autopsia do escripto de Verdeixa.

*Oxalá*, *ab irato*, voltou ao seu Mecenas, mas este já se tinha trancado! Fôsse dar no boi!...

A venda liquidou, mui cedo, devorada pelo calote, á mercê das fatuidades do vendeiro; a bolça murchou e veio de após, com a penúria, a dissensão, muito commum em familia mal acostumada, que empobrece.

*Oxalá* bumbou a sua ametade, e esta levou á policia as suas queixas contra o desastrado, que andou cheio de impafia e palavras de mácriação; abriu lucta com a auctoridade. Foi agóra a contenda com o chefe de policia, José Rodrigues Vieira de Carvalho (Vieirão), e cada audiência se tornou um espectáculo. Processado, embôra a valentia que dispendeu, deixou a terra, antes de deixar a prôa, e foi para o Maranhão. O que se soube depois foi delle ter morto allí a um soldado, respondido a um processo por esse facto, e morrido pouco depois.

Eis o que foi mais ou menos esse typo de Lombroso. Que estas informações completam a noticia do nosso illustre critico.

J. BRIGIDO.

*Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente eneadernadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.*

*As officinas dos « Annaes », dispondo de um material completamente novo e moderno, encarreram-se de todo e qualquer trabalho typographico.*

## ESCANDALOS AMERICANOS

Trasladamos do *Estado de S. Paulo* para as nossas columnas um excellente artigo do sr. Oliveira Lima, nosso ministro em Caracas, a respeito de recentes *escandalos americanos*—artigo que bem illustra a chronica, de Pojucan, num. 44 dos *Annaes*.

Elle accusa, com a cutilante iudicação dos factos, a influencia depressora exercida pela plutocracia nos costumes tradicionaes do povo norte-americano, a exaltação da febre dos millhões provocando perturbações do senso moral abalando o systema social nas suas bases essenciaes.

Essas perturbações se exhibem em escandalos, citados pelo eminente diplomata brasileiro, escandalos que já se não pôdem disfarçar, symptomaticos de um mal que, felizmente, irrompe para ser sanado, e demasiado grave para permittir a continuação do perigoso regimen de condescendencias, de conveniencias, gerando uma tolerancia criminosa, uma cumplicidade que, em paizes como o nosso, se explica e se justifica como um resultado banal, innocente do divorcio da politica com a moral: tudo é permittido na ordem de crimes contra o Estado, victima que não grita, que não se queixa; as conveniencias politicas ou partidarias são mantidas com mais escrupulo do que as tradições da probidade administrativa quando os offensores pertencerem ás classes dirigentes. Para estes, tolerancia criminosa; para os humildes, rigores iniquos.

Essas monstruosidades são quasi consagradas como achaques inevitaveis da vertigem do progresso; quem marcha depressa não se pôde demorar no exame de ridiculos casos de consciencia; o fim justifica os meios; os resultados brilhantes offuscam os olhares da critica e da razão.

Mas é consolador verificar que, na grande republica norte-americana, a imprensa, em vez de explorar os crimes, os arrasta escandalosamente á publicidade, sem consideração ao poder e á hierarchia dos culpados, esvurmendo chagas ascorosas, para que não se mantenham como fôcos de contagio; a justiça não é a sombra humilde dos governantes, cobrindo com a sua toga os affeioados dos que possuem as fatidicas chaves do cofre das graças; ha, finalmente, uma parte sã da sociedade que se não resigna num silencio desesperado, e clama e brame as suas indignações ansteras contra os discolos.

Como lição e como exemplo, o sr. Oliveira Lima accentuou escandalos e uma situação ou estado morbido social, merecedor de meditação. Escandalos, ha-os em toda parte, sobretudo nos Estados Unidos porque as auctoridades os descobrem para que, irrevogavelmente, sejam punidos os seus auctores. Isso é o que não ha em outros paizes...no nosso, por exemplo, como disse Pojucan...

« Escrevia-me ha poucos dias, de Boston, um amigo americano, cujo sentimento patriotico é dos mais vivos, mas cujo espirito de isenção é ainda mais vivo, sobreposição espi-

ritual que é rara em toda a parte, mesmo nos Estados Unidos:

« Estamos, pelo que parece, atravessando um periodo de revelações de imprensa, e o nariz do publico adquiriu grande faro para atinar com toda a especie de methodos encobertos em negocios e em politica. Cada jornal mostra-se ancioso por iniciar outra campanha de sensação e a febre da exhibição chega aos menos importantes assumptos locaes. De resto, razão sobeja existe para que se euvidem todos os esforços no limpar as repartições publicas, instituições de credito semi-publicas e tudo o mais. »

Nunca, com effeito, foi tamanha a quantidade de escandalos como nesta administração de um presidente conhecido pela sua franqueza em apontal-os e pela sua energia em verberal-os, e a causa reside simplesmente em que está chegando ao seu auge o regimen plutocratico que fez a grandeza material dos Estados Unidos e ha de determinar a sua decadencia moral. Os jornaes andam cheios de deuuncias, accusações, inqueritos e verrinas que percorrem toda a gamma, desde a prevaricação official até á baixa *chantage*. Começemos por cima.

Não se apagára ainda a impressão causada pelas fraudes na repartição dos correios e na das terras, quando se descobriram novos abusos, e dos mais sérios, no departamento da agricultura. A repartição de estatistica deste ministerio tem por missão colligir, por meio de agentes locaes, dados os mais positivos sobre o estado das sementeiras e perspectiva das colheitas em todos os Estados Unidos, sendo taes informações publicadas em occasião opportuna. Acontecia, porém, que bolsistas de Nova York, relacionados com os encarregados da estatistica official, obtinham clandestinamente os quadros em questão e com elles jogavam em proveito dos seus reciprocos interesses.

E' facil comprehender que na Bolsa do algodão influem decisivamente semelhantes algarismos: uma safra pequena assim annunciada faz subir os preços, da mesma fórma que uma safra avultada os faz baixar. Aquelles bolsistas jogavam, pois, pela certa, quando os seus concurrentes se guiavam por palpites que nem eram probabilidades. Os proprios algarismos eram alterados ao sabor das conveniencias do corrilho de financeiros conluiados com os funcionarios infieis. O secretario da Agricultura, um excelente velho que conheço pessoalmente e cujo defeito é uma obstinação por demais escosseza como o seu nascimento, recusou acreditar nas criminosas manipulações, ao serem-lhe denunciadas, até ter que se submeter á evidencia dos factos, que o presidente acaba de mandar cuidadosamente in-

investigar, com vista de perseguir judicialmente os delinquentes.

Os escandalos da *Equitable*, conhecida e poderosissima companhia de seguros de vida, tiveram tanto maior repercussão quanto os destinos dessa sociedade interessam profundamente um avultadissimo numero de subscriptores, que alli acudiram com suas economias no interesse do futuro bem estar de suas familias ou herdeiros. Pelo que se acha mais do que provado, os fundos da *Equitable* fôram empregados em collocações cuja venda fornecia lucros a gente de dentro da administração ou em emprezas patrocinadas pelos directores, arriscados em especulações proveitosas para estes, não para os portadores de apolices e malbaratados em exaggeradas retribuições de serviços perfeitamente duvidosos. O senador Chauncey Depew, um politiquero millionario, era um dos que recebiam gordo salario: além dos vencimentos de director, 25.000 *dollars*, não se sabe bem porque, a titulo vago de advogado, e de facto por haver proposto e feito approvar um enorme augmento nos honorarios do presidente da companhia.

No Brazil estas coisas teem sido o pão nosso de cada dia e sómente pôdem surprehender os que não conhecem os bastidores de alguns bancos, dos mais importantes. Tampouco escasseiam, e isto desde o tempo do Imperio, não só na Republica, os serviços de advocacia administrativa pelos quaes — para não ficar isenta de escandalo corporação alguma dos Estados Unidos — acaba de ser pronunciado e condemnado, com circumstancias attenuantes, o senador Mitchell, do Oregon. Tratava-se de uns arranjinhos relacionados com vendas de terras publicas, umas quasi innocentes ligações de politica e negocios que noutras terras passariam despercebidas. O facto, porém, de serem apontados, perseguidos e punidos os culpados, depõe a favor da atmospheria moral americana, mostrando que a sua corrupção é de natureza diferente da turca. Si essa alta prestidigitação encontra cultores eximios, não encontra applausos, nem sequer a tacita approvação da maioria, denunciando um triste estado morbido da alma nacional.

No caso da *Equitable* — negocio de grande monta, pois que os 400 milhões de *dollars* de activo fornecidos pelo meio milhão de portadores de apolices de seguro da companhia davam margem para todos os esbanjamentos — o sentimento do dever publico fez sair do seu retiro de Princeton o sr. Grover Cleveland, um dos homens que, sem espalhactos escusados, tem occupado com mais seriedade, coragem, decisão e lucidez, a presidencia americana. Elle se não julgou com direito a recusar ser um dos *trustees* da soci-

idade, que váe ser remodelada, e o publico logo se encheu de confiança ante o proceder do antigo primeiro magistrado da nação.

Desses pantanos brotára como um nenuphar uma agencia de publicações escandalosas, com um orgão hebdomadario, o *Town Topics*, cuja gestão anda neste momento sujeita a um inquerito judicial por se terem toruado em demasia exigentes as suas imposições a pessoas interessadas em arredar revelações escabrosas. O inquerito teu provado que choveram as assignaturas para o livro annunciado sob o titulo *Fads and Fancies* (Manias e Séstros), e bem formosa publicação devia esta ser, pois que o seu preço variava entre 1.500 e 10.000 *dollars*, segundo a generosidade e a bolsa do comprador.

Convidado a subscrever, o presidente Roosevelt disse que nunca tinha pago tanto dinheiro por coisa alguma na sua vida. A gente graúda de Nova-York—millionarios e politicos especialmente—não se fizeram, comtudo, rogar, o que leva a crer que suas consciencias não possuem a pureza do crystal e que lhes não eram indifferentes as dulcifluas ameaças do perigoso semanario, de cuja revisão andava encarregado o juiz Denel, accionista da empreza e pessoa muita propria para aquelle serviço, que lhe rendia 100 *dollars* mensaes, pois melhor do que ninguem podia dizer até onde podiam ir as revelações sem caírem os editores na alçada da lei. O completo silencio dos contribuintes perante a extorsão manifesta, entre gente de natureza energica e prompta sempre a de-feuder-se e aos seus thesouros e aos seus direitos, é uma condescendencia que não tradúz um estado de saúde.

Revelações do genero das referidas são intentadas com mira no lucro mais sordido, mas quando desintaressadamente executadas, representam um freio e um castigo para a corrupção que medra inevitavelmente onde medra a riqueza.

Assim o declarou uma auctoridade moral do quilate do cardeal Gibbons. Vale a peua repetir algumas das suas palavras a respeito. «Em todo o charco da presente degradação moral existe um ponto claro, que é a circumstancia da degradação tornar-se conhecida. A corrupção não pôde hoje existir sem ser logo descoberta. Quanto maior o mal, tanto maior a possibilidade do remedio. E esta possibilidade de remedio passa a ser um facto certo, que quasi contrabalança o mal gerado da actual condição do frenesi do diuheiro...Pôde não ser bôa theologia, nem bôa ethica, mas é certamente excelente senso commum e um optimo elemento moral crer que o receio, o temor das revelações pela imprensa obriga muitos homens a não se afastarem do caminho da rectidão, gente que de

outro modo se desviaria e perderia pelos atalhos da deshonestidade.»

O prestigio do clero americano christão reside em não se arredar daquellas regras do bom senso e dessa estrada da moralidade, privada e publica, não immolando as paixões do dia ás verdades eternas, tampouco caíndo em exaggero de ascetismo e de renuncia incompatíveis com o espirito da epocha.

Do pulpito protestante teem partido, talvez, as mais violentas denuncias contra a plutocracia reinante, reforçando com o seu character idéal esse positivo movimento anti-capitalista, que váe, fatalmente, assumiudo a feição de socialismo de Estado. Si os monopolios hão de estar nas mãos de uns poucos nababos, que despojam o povo, que estejam nas mãos do povo, representado pelos poderes publicos, á testa de um sabio collectivismo. O sr. Bryan, o adversario infeliz de Mac Kinley em duas eleições presidenciaes, acha-se á frente desta «nova democracia», que já encontra não poucos adeptos de importancia entre os proprios republicanos, apesar dos entraves com que a realisação do seu programma de posse municipal tem deparado o sr. Dunne, prefeito de Chicago.

A administração federal mesmo tem tido que dar passo nessa direcção, não se podendo interpretar de outra maneira certos actos do governo, entre outros a resolução de dar legislativamente a maior somma de auctoridade á commissão de commercio inter-estadal, afim de regular as tarifas ferroviarias, pois que as companhias exhibem preferencias mais que suspeitas por certos *trusts*, concedendo-lhes rebaixas em detrimento da concurrencia publica. Um ex-membro da familia official do presidente, o sr. Paul Morton, que foi até ha dias secretario da Marinha e resignou voluntariamente para se ir pôr á frente da reorganisação da *Equitable*, foi, com razão, apontado culpado da ontorga, quando director de uma grande linha ferrea do oeste, de favores commerciaes daquela natureza pelos dois jurisperitos democratas a quem o sr. Roosevelt confiára o respectivo inquerito.

O amigo particular e collaborador do chefe do Estado encontrou, comtudo, guarida na determinação presidencial, muito bysantina, de fazer incidir a lei sobre a corporação mercantil e não sobre os seus membros individualmente. A subtileza executiva, fazendo vezes de decisão judicial, levantou muitos reparos, mas isentou de responsabilidades o sr. Morton, assim como livrou de culpabilidade o sr. Loomis, sub-secretario de Estado, a quem o seu collega Bowen, ministro em Caracas, accusou reservada e depois publicamente de actos indecorosos, quando, como seu predecessor, regia a legação de Venezuela.

E' conhecida a gradual e crescente tendencia do Executivo americano para se tornar o poder politico por excellencia do systema. Até aqui, porém, as suas invasões, aliás combatidas, posto que efficazmente, se tinham dado do lado do Legislativo. Agóra se estão dando tambem do lado do Judiciario, que parecia collocado numa esphera superior. O caso Loomis-Bowen era absolutamente de indole a ser objecto de deliberação por parte de uma Côrte administrativa, e não para ser resolvido pela simples auctoridade do presidente, que nelle, de algum modo, era parte—visto tratar-se de um agente de sua confiança—e se arrogou fóros da juiz.

O sr. Loomis explicou, não a contento mas de certo geito — melhor se deve dizer a seu geito—a sua acceitação de um cheque de 10.000 dollars da Companhia de Asphalto, a famosa Companhia Bermudez, que tem sido o pomo de discordia entre os governos de Washington e Caracas e cuja concessão acaba de ser declarada nulla pelos tribunaes venezuelanos; a sua pressão sobre o presidente Castro para obter o pagamento de uma reclamação adquirida pelo ministro a preço commodo, e as suas manobras para alcançar uma composição geral das dividas publicas venezuelanas pela agencia de um syndicato de Nova-York, no qual elle se achava interessado.

O juiz Taft, secretario da Guerra e interino de Estado e *juiz* especial do caso, conduziu o inquerito e, sem desculpar o sr. Loomis de ter praticado leviana e indiscretamente, attento o seu character representativo no estrangeiro, isentou-o das peiores increpações do sr. Bowen, que foi, afinal, o bode espiatorio do escandalo. O sr. Loomis foi *whitewashed* (caiado), como dizem os americanos, em recompensa de não ter feito peor, mandando-o o presidente á França receber os restos mortaes do grande marinheiro Paul Jones, mercadoria—a observação é da *Nation*—felizmente de difficil especulação commercial. O sr. Bowen perdeu o logar por haver procedido com falta absoluta de reserva e impetuosidade impropria de um diplomata, o qual deve ser — a observação é minha — um sujeito invariavelmente calmo, tão propenso a occultar vergonhas como atreito a digerir affrontas, sem assomos inuteis de dignidade nem quebras espectaculosas de imperturbabilidade — um Steinbrocken *nunc et semper*. A administração fez, entretanto, o que costumam fazer os chinezes: salvou as apparencias, *saved the cheek*, na expressão ingleza.

Não quero referir-me, para me não tornar fastidioso, a outros escandalos menores: juizes arrastados perante assembléas estadnaes e quejandas

ocurrencias, cuja base é constantemente o dinheiro. O interessante para o observador de dentro ou de fóra é que essas coisas vão determinando na sociedade contemporanea dos Estados Unidos um desaccôrdo entre a camada de cima e as de baixo, entre a plutocracia e as varias categorias de trabalho, mais flagrante e mais ruidoso do que se pudéra até aqui denunciar. Os clamores contra os manejos exclusivistas dos syndicatos, as explorações do capital e as fraudes da administração publica, são muito mais instantes do que dantes; as proprias paredes tomam feições violentas e prolongam-se sem solução por temporadas que outr'óra se não previam, porque se não calculava o vigor que haviam de adquirir as organizações operarias.

Ha muito quem reconheça que os syndicatos capitalistas *ont du bon*, que «melhoram e fazem crescer tudo em que tocam», como dizia no Kansaſ um magistrado nova-yorkino, seu parcial defensor numa campanha oratoria para alli transportado por gente de léste. Nem ao presidente seria dado hostilizar os *trusts* até á ultima, justamente porque elles reflectem uma fracção muito consideravel da opinião, além de serem os esteios principaes do grande e poderoso partido que o levou ao fastigio do poder.

A acção do presidente Roosevelt tem sido intelligente, conciliadora e imparcial entre os elementos em conflicto, dos quaes não desdenhou, uma vez, constituir-se arbitro. Alguma responsabilidade lhe assiste, porém, na agitação corrente, porque denunciou os *trusts* em mensagens e discursos, quando sabia que os não podia submeter e obrigar a pedir misericordia, porque apenas se tem adeantado um quarto ou menos no caminho reformador que apontou, como aberto, á sua individualidade superior pela audacia e pelo prestigio ás agremiações partidarias; porque tem mesmo recuado ante os dictames do partido, como nas occasiões em que tem dado mostras de querer proceder mais liberalmente no tocante ao proteccionismo, sendo forçado a abandonar os seus anhelos de mais franca concurrencia industrial.

Onde elle topeçar e parar, outro, porém, continuará a obra, impellido pelo numero, pela impulsão de baixo, que é esforçada hoje e será irresistivel amanhã. Os escandalos do dia são as manchas por que se denuncia na epiderme o virus que atacou o organismo americano desde que as riquezas excessivas minaram a sua robustez proverbial, e o sybaritismo dos novos Cresus amolleceu os seus tecidos animaes de rija contextura que, ao effeminarem-se, trocaram por pelles raras e rendas finas a sua singela vestimenta de tosco briche caseiro. Esse orga-

nismo é, todavia, dotado de vitalidade tal que o trabalho da corrupção levará muito tempo, e terá a vencer a forte resistencia da juventude e de uma saúde invejavel; além de que ha medicos habéis e dedicados de atalaia, cuja sciencia é reale e cujo devotamento é sincero..

OLIVEIRA LIMA.

## SCIENCIA E INDUSTRIA

*A degenerescencia das familias soberanas. Hereditariedade de seus stygmás. — Effeitos sobre os animaes domesticos*

A degenerescencia é um inquietante assumpto de estudos dos quaes, nos ultimos annos, se tem abusado. Elle demanda, como todos os problemas scientificos, não por meio-sabios que procuram utilizar trabalhos alheios, ou colher delles temas de polemica, de escandalo, mas por verdadeiros sabios capazes de desenvolver com exactidão, sómente com a preocupação da verdade, as limitadas conclusões de seus trabalhos.

Tal é o traço caracteristico da obra que o dr. Galippe apresentou fragmentada, em communicacões recentes, á Academia de Medicina de Pariz, e agóra publicada completa, sob o titulo: *A hereditariedade dos stygmás e degenerescencias das familias soberanas*.

O sabio medico começa precisando o effeito da hereditariedade sobre os animaes domesticos. Apoiando-se nas anteriores observações dos dts. Maguin, Lortat, Barrien, Baron, verifica que certas raças de cães, como os *bassets*, *bull-dogs*, devem a sua origem a uma degenerescencia fixada e agravada pela selecção. Os *bassets* não constituem uma raça, propriamente dita, mas uma degenerescencia teratologica, correspondente a cada raça normal. Cada raça de cães tem os seus *bassets*, resultantes da parada de desenvolvimento das patas em comprimento, phenomeno que, depois, se torna hereditario.

O mesmo acontece com a deformidade chamada prognatismo consistente no encurtamento e desigualdade de tamanho das duas maxilas, a superior mais curta do que a inferior, em virtude do encurtamento congenito do nariz e do maxilar superior, particularidade muito frequente nos cães de Bordeaux. E pelo gosto natural de dar mais valor ás extravagancias, ás rariidades, mesmo quando procedem de defeitos da natureza, os amadores se esforçaram por fixar e desenvolver aquella tara: os *bull-dogs* de Bordeaux são hoje muito procurados.

Demorando-se na observação desse character da degenerescencia, o dr. Galippe a estudou, durante muitos



annos, nas figuras de uma familia de soberanos.

A monographia do prognatismo, conforme uma familia real, apresenta capital interesse, permittindo acompanhar os effeitos, puramente physicos, de uma tara e sua progressão, graças ao facto de serem as familias reaes as unicas, cujos archivos são completos e cujos traços nos fôram transmittidos pela arte. E' incontestavel que aos progressos da degenerescencia, accusada por um typo de anomalia, corresponde sempre uma diminuição do equilibrio intellectual.

Essa degenerescencia que, numa familia obscura, produziria desordens, dignas apenas de attraír a attenção de um alienista ou de um pratico, transportada a individuos cujos actos interessam á historia do mundo, é registada em seus resultados com amplificação magistral.

O seu graphico é marcado pelos nomes de Felippe—o Audaz, Maria de Bolonha, filha do Temerario, Rodolpho II, imperador da Allemanha; Joanna, a Louca, Carlos V, Maria Theresza, mulher de Luiz XIV, Maria Antonietta, etc., em uma palavra — os maiores nomes das familias dos Habsburgo e de todas as suas alliadas, Bourbons de França, Bourbons de Hespanha, Portugal, Saboia, Brazil...

Os Habsburgos são prognatas, angariando a introducção precoce desse character de uma filha da casa de França, Maria de Borgonha, e o generalisaram pelo constante systema de casamentos consanguineos, impostos a todas as familias reinantes.

Nada mais suggestivo do que a illustração em apoio da these do dr. Galippe. E' possivel que o stygma de degenerescencia tenha sido attennado pelos artistas incumbidos de fixarem as effigies dos principes e princezas dessa galeria imponente. Por um phenomeno curioso, o anlicismo chega a considerar traço de alta linhagem de formações lamentaveis, facto que deve impressionar a critica da documentação iconographica. Tal figura recebeu do desenho do artista a vantagem do prognatismo a que o moledo havia, felizmente, escapado.

Osr. Bouhot, eminente conservador da secção de estampas da bibliotheca nacional de Pariz, commentou com um prefacio, em que a sua erudição se disfarça sob um estylo encantador, as imagens authenticas que fazem do livro do dr. Galippe uma leitura preciosa.

\* \*

*O novo uranographo—A carta celeste—As exposiçõ dos ensaios praticados pelo sr. Lippmann no Observatorio de Pariz.*

O sr. Lippmann, presidente da sociedade astronomica de França expoz os primeiros ensaios, praticados no

Observatorio de Pariz, com um novo apparelho que permittirá medir as coordenadas das estrellas, em uranographo com um telescopio photographico, acompanhando as estrellas e obtendo placas de certas regiões do céu. Um apparelho optico, funcionando ao mesmo tempo, graças a um movimento de relojoaria, projecta sobre a placa uma série de zonas brilhantes, que se fixam e marcam as posições successivas do merediano. O uranographo, uma vez regulado, opera automaticamente.

A placa desenvolvida dá, com as estrellas, o systema das coordenadas, das longitudes e latitudes sobre uma carta terrestre.

Esse apparelho, por ser de precisão automatica, está isento dos erros inherentes ás observações feitas com o telescopio ordinario.

Diz-se que a carta photographica do céu está quasi terminada no que concerne ás estrellas do catalogo: os observatorios de Pariz, do Vaticano, de Helsnigfors, de Postdam, já communicaram as coordenadas provisórias de suas placas photographicas; entretanto, sómente se tem executado, até agóra, uma terça parte de placas detalhadas da carta do céu.

\* \*

*A kremnite—Marmore liquido—*

A kremnite é uma invenção recente destinada a prestar importantes serviços á architectura e ás artes decorativas. Consiste num composto de argila, de areia, de fluorina submettido a elevada temperatura e produzindo uma massa liquida que pôde ser modelada sob todas as fórmãs, colorida com todos os tons claros e escuros, polída, esmaltada de maneira a imitar o marmore mais precioso.

Dessa massa se pôdem fazer tijolos ôcos, ladrilhos, placas e revestimentos, podendo substituir, com vantagem, as obras de pedra, assim as telhas para a cobertura das habitações.

\* \*

*A anemia do cavallo—Os estudos de Carré e Vallée—Infecção latente, durante mezes depois da cura apparente.*

A anemia do cavallo, quando é infecciosa, pôde ser considerada mortal, tomando, em certas epochas e em certas regiões, uma feição assustadora, muito temida pelos proprietarios ruraes que lhe não conhecem remedio.

Mas Carré e Vallée, dedicando-se ao estudo das causas e da prophylaxia dessa molestia, verificaram que em muitos cavallos, attingidos por ella, a infecção fica latente, durante muitos mezes depois da cura apparente, de maneira que os cavallos que, na realidade, não ficaram bons, são verdadeiros conductores do virus; sua urina

é rica de albumina e sempre virulenta, acontecendo o mesmo com os excrementos solidos, vehiculos ordinarios do contagio a que as vias digestivas abrem accesso.

Nessas condições, é urgente não recuar deante dos meios de preservaçõ dos cavallos indemnes, tomando resolutamente a providencia de os isolar ou, melhor, de os sacrificar, ou, em todo o caso, de desinfectar cuidadosamente as suas dejecções solidas e liquidas.

E' excellente medida não dar aos animaes indemnes, existentes no meio infectado, sinão agua pura ou fervida, excluindo das cavallariças os procedentes de regiões em que predomine a molestia e garantindo a sanidade dos animaes, antes da acquisição, com o exame das urinas. A presença de albumina deve ser, em todos os casos, um motivo de suspeição.

## QUESTÕES DA LINGUA PORTUGUESA

O que se váe ler, em seguida, é uma carta do sr. Gonçalves Viana, endereçada ao sr. José Verissimo, agradecendo um artigo que o nosso illustre collaborador escreveu sobre a *Ortografia Nacional*, livro daquelle notavel philologo portuguez, e a remessa de um exemplar da 3ª série dos *Estudos de litteratura brasileira*, onde se encontra um escripto do seu auctor a respeito da orthographia da lingua portugueza.

O sr. Viana aproveitou o ensejo para entrar, communicando-se com o nosso eminente critico, em considerações philologicas que, por sua importancia e por virem de tão respeitavel auctoridade, nos pareceu interessante publicar, com venia do seu destinatario, que a obteve tambem do seu illustre correspondente.

« Como v. entendeu ser um serviço valioso ás letras portuguesas a doutrina reformadora que tenho a peito propugnar com relação á escrita do idioma pátrio, vale talvez a pena defender e explicar alguns pontos a que v. especialmente se referiu.

Antes, porém, permitta-me v. algumas considerações prévias, e que não são em absoluto filológicas. Menciona v. a importancia relativa que há de vir a ter no futuro a lingua portuguesa do Brasil, em comparação com a de Portugal. Só direi que nos duzentos anos que hão de dar ao Brasil cinquenta milhões de habitantes, e ao portuguez da Europa dez milhões, muitas vicissitudes imprevisitas se poderão dar, que influam consideravelmente no cálculo, mesmo muito vago e arbitrário, que se pode por emquanto fazer, tomando como termo de comparação a propagação de outras linguas; sem contar a evolução a que o mesmo

idioma estará sujeito, e que pode approssimar em vez de desassociar, o português dos dois lados do Atlântico. O que é facto averiguado é que o inglês literário dos Estados Unidos da América do Norte continua a tomar como padrão o da *alma-mater*, e semelhantemente que o idioma convencional de Roma e Florença predomina, até na pronúncia, em toda a Itália, apesar da revivescencia activa dos dialectos provinciais. Por outra parte o castelhano das Castelas, impõe a sua escrita a todas as regiões em que se fala, não obstante as diferenças consideráveis de pronúnciação, mantendo-se por exemplo a distinção entre *s* e *c* (*e, i*) ou *z*, que é nula para a pronúncia de grande parte da Espanha e em toda a América. Apenas no Chile se manifestam vagas tentativas de cisão ortográfica, repudiada todavia pelos seus melhores filólogos. Exajeros ortográficos caprichosos ficam sem eco, como em Portugal ficaram as insensatas reformas de Castilho e Barbosa Leão, porque se baseavam em raciocínios errados, e ignorância manifesta dos factos.

Faz v. um vaticínio—a união ibérica provável, e a consequente decadência do português da Europa. Longe vá o agouro, mas o futuro a Deus pertence. O que eu vejo é que nas Vascongadas, como na Catalunha, o centro de atração está em França e não em Castela; é mais de prever a desagregação das provincias espanholas successivamente, que a sonhada reintegração de Portugal em uma Espanha unitária. As conquistas são cada vez mais difíceis, e o partido ibérico em Portugal consta de uma dúzia de matutos, e de não tanto como outra, de interesseiros politicos desacreditados. Em Portugal toda a gente sensata, e mesmo a grandíssima maioria de todos os mais, riem-se cordialmente da tal união.

Como v., eu entendo conveniente que a ortografia seja comum ao Brasil e a Portugal, mormente nas suas principais feições, á parte um ou outro vocábulo em que a pronúncia divirja tanto, que se não compadeça com a escrita comum, e os quaes cada nação escreveria a seu modo, e conforme os seus hábitos de pronúnciação. Assim, mesmo em Portugal, eu deixei facultativas as escriptas *oi* ou *ou*, segundo as preferências dialectais ou individuais, em palavras como *ouro* (*oiro*) *fouce* (*foice*) etc. (V p. 30 e 290) Se mais meúdamente me não referi aos falares brasileiros, a razão é a minha ignorância de muitas particularidades, não só dos diferentes dialectos determinadamente, mas ainda de qual seja propriamente a lingua comum no Brasil, desconhecendo também até que ponto os provincialismos são tolerados no falar que se

considera culto. Não tendo eu nunca visitado o Brasil, e tendo por costume ser escrupulosíssimo em citar factos e deduzir dêles theorias, entendi melhor aludir sómente aos factos averiguados, para os ter em consideração ao normalisar a ortografia da lingua comum aos dois países.

Explicada assim a quasi omissão dos falares brasileiros, que, no meu modo de ver de glossólogo, não são nem melhores, nem peores que os portugueses da Europa, mas apenas diferentes, peço venia para me referir a alguns reparos enunciados no excelente artigo de v.

Digo, ou antes escrevo, *quere* na 3.<sup>a</sup> pessoa do presente do indicativo do verbo *querer*, porque em Portugal, ao pospor-se-lhe o pronome pessoal objectivo *o, a*, todos cá pronunciam *quere-o, quere-a* (*quério, quéria*) como fazem com *fere*, de ferir, escrito *fere-o, fere-a*, e pronunciado *fério, féria*. Se ao escreverem-se essas formas assim ligadas, daquela terceira pessoa do verbo, segnida do accusativo do mencionado pronome pessoal da 3.<sup>a</sup> pessoa, necessariamente haverá que acrescentar-se o *e* (pois ninguém escreve *quer-o, quer-a*) e que regra de ortografia se poderia aconselhar em tais construções, senão dar já áquella linguagem a forma *quere* e não *quer*? visto que em Portugal a pronúncia, em qualquer dos casos será sempre *quer*, com *e* nulo. Sobre *lenho, tenho*, advoguei esta ortografia, repudiando as formas desusadas *lanho, tanho* (V p. 148): estamos pois de acordo os dois, neste ponto.

*Preguntar, perguntar* A pronúncia geral é *prguntar* em Portugal, com *r* o vogal, ou então popularmente *préguntar*, jamais *pérguntar*. A ortografia que restabeleci nada influi; cá na pronúncia do vocábulo; assim, ou se escreva, como as orijens da lingua exigem, *preguntar*, ou por um padrão latino hypothético *perguntar*, a pronúncia será sempre *pre-oguntar-pr-oguntar*. Quanto ao étimo immediato *percontare*, dado por Cortesão ou por outro filólogo tão sabedor, como este indubitavelmente o é, torna-se inadmissível, por o *c* latino medial só se abrandar em *g* na passagem para português, quando se acha entre vogais (e esta palavra é disso exemplo) e isto sem nenhuma excepção, nem real, nem aparente. Ha, portanto, que supor um étimo *precontare*, com o prefixo *pre*, que a veleidade erudita ao depois mudou em *per*, destruindo a analogia.

Se, todavia, a pronúncia dominante no Brasil é *pérguntar*, com *e* perfeitamente claro antes, e não depois do *r*, então haverá que ter em consideração o facto, antes que se estabeleça a escrita do vocabulo em ortografia comum aos dois países. e Mas está feita a averiguação rigorosa de qual é aí a forma dominante?

*Açúcar, çapato*. Diz v. que as palavras assim escritas lhe não parecem portuguesas. e Mas neste caso *açafate, açongue, açude*, não parecerão também portuguesas? Bluteau ainda escreve *açucar*, e até 1850 era esta a escrita normal. e Porque se mudou ela, inconsistentemente, para *ss*, ficando em completo desacôrdo com tantos outros vocábulos e com a ortografia legitimamente portuguesa, clássica, e tradicional? Por influencia francesa (*sucré*). e E *çapato*? E' sabido que o *ç* maiúsculo inicial faltava nas imprensas, onde era substituído por *c*, e sendo poucos os vocábulos em que tal letra era inicial, foi ella substituída por *s*, quando se obliterou na consciencia dos mais dos escritores a diferença do valor entre *s* e *ç*. Eu pus a questão de *ç* e *s* (*s*), como a de *z* e *s*—(entre vogais) bem a claro (á pag. 112 da *Ort.*): ou se há de banir de todo o *ç* e *c* (*e, i*), por *s* (*s*), e *s* por *z*, e *z* por *s* final, ou há de ser a orijem das palavras e a sua pronúnciação no norte de Portugal, quando aquella se ignore, o que deve decidir sôbre o emprêgo de qualquer dêstes simbolos; assim, ou se escreverá *assafrão, assoute, assussena, assão*, (acção) *cabessa, fássa, (faça) loussa*, etc., *seder, fássil, resseber*, etc., ou a manter-se a distinção histórica, tem ela de ser rigorosa, restabelecendo-se a antiga escrita nos poucos vocábulos em que ella modernamente foi alterada desarrazoadamente.

Foi isto o que eu fiz, e é extraordinario capitular-se de novidades a restituição da verdadeira escrita por parte de quem adoptou como preceito inquebrantável o não escrever á toa. Emenadar por meias doses, deixando ficar subsistindo erros evidentes, que a ignorância e o desprezo, ou desdém do português clássico foi introduzindo, seria contribuir para a continuação da anarquia actual, contra a qual nos insurjimos, e sem desculpa, pois aqui o êrro fôra voluntario, direi mesmo propositado, para agradar ao vulgo.

Diz v. que não encontra a minima distinção perceptivel ao ouvido entre *ç* e *ss*, em *açucar, çapato*, por exemplo. Creio que também o não encontrará entre *poço* nome e *posso* verbo, e não obstante mantem-se a diferenciação. Na realidade, como v. e eu pronunciamos aquelas letras nos nossos dialectos, a distinção é nula, mas não o é para um individuo de Trás-os-Montes, de parte da Beira-Alta, ou do Minho, como o não era para os nossos maiores: se v. ouvir pronunciar aquelas letras a um homem do norte de Portugal, reconhecerá que para êle o *ç* equivale ao nosso *ç* e *ss*, ao passo que o *s* (*s*) é análogo ao *s* castelhano. Esta distinção histórica entre *ç* e *ss* ou *z* e *s* entre vogais são factos averiguados, sôbre os quaes toda a discussão seria aciosa. E' minha opinião, e ella giou.



todo o trabalho, que a ortografia há de obedecer a principios fixos, cortando de uma vez por todas as asas ao arbítrio, sendo applicável a todo o reino, e em todo o tempo, e respeitando e conservando coherentemente todas as distincções dialectais ou tradicionais, quando tenham fundamento histórico, para que não haja muitas linguas portuguezas escritas, no tempo e no espaço, mas uma só sem interrupção. As differenciações orthográficas que restabeleci (não inventei) são rigorosamente applicadas no método que defendo, e portanto a distincção entre os symbolos graficos citados, como em a fiz, tem o mesmo fundamento que a differenciação entre e e i, o e u de soar, suar (suár) *desfear* e *desfiar* (desfiár) conquanto se não differencem em Portugal. (V. o Índice, *passim* e paj. 26, 27, 35, 80, 88, 112, 115, 118, 126, 147, 191, 290, etc); Porquê se escreve *necessidade* com ce e ssi? Assim os mais vocábulos.

Eu não aconselhei em parte alguma do meu livro as escritas *meuistro*, *devedir*, *repremir*, como se assevera; ao contrário, porque são vocábulos artificiaes, copiados do latim literal em várias épocas, mas sobretudo recentemente, prescrevi a manutenção do i, *miuistro*, *dividir*, *reprimir*. O que disse é que em vocábulos, herdados de origem evolutiva evidente, como *vezinho*, a escrita legitima e antiga era com e (p. 99 e 100, 101; 290, regra 14.) Houve, pois, equívoco na apreciação, e estamos concordes.

*Dezaseis*, *dezasete*, *dezanove* são e sempre foram as UNICAS pronunciações em Portugal, com excepção (que não conta perante a universalidade) de alguns poucos eruditos pretenciosos, que aqui entendem serem os pés que se lião de ajeitar ás botas de munição e não estas que tem de ser feitas por medida para os pés. Querer reformar a pronúncia dos vocábulos pela sua escrita, convencional e tantas vezes arbitraria ou errónea, equivaleria a tentar a emenda das feições de qualquer pessoa para ela se ficar parecendo mais com um retrato mal feito (V. p. 77 e 78, ás quais nada há que acrescentar; v. igualmente p. 288, regra 5.) Quem tem de ceder no desacôrdo é a escrita e não a pronúncia, é evidente.

Não me referi até agora á acentuação gráfica, que v. acha excessiva em Candido de Figueiredo (no qual eu apenas reprovoo o uso dos ápices) e quasi declara falsa, e diz que palavras acentuadas nem parecem portuguezas. Mas v. acentua gráficamente, por exemplo (*Estudos de literatura brasileira*) Paranagná (p. 11, e *passim*) José (p. 2), só (ib e não sei porque razão) até (ib) época (ib. 3) ôco (ib) saráos (ib) e não sei para quê) Régia (p. 4) coévo (não sei para quê, p. 9), fórma (p. 16)

lêm (p. 22, não sei para quê) expôr (p. 29) *Capitú* (p. 39) *será* (p. 38) *éstro* (algures, não sei para quê) etc. Isto significa que o que se pretende é cada um acentuar como entender, sem regra nem preceito, censurando porém sarcásticamente a acentuação metódica, útil, se não necessaria para quem lê. Ora os franceses acentuam com o acento grave muitos e e e com o agudo (até desnecessariamente) outros tantos, ou mais, e ninguém estranha nem censura. Os espanhóis acentuam gráficamente a sílaba tónica, em vários casos fixados, e todos acham isso excelente para não errarem a pronúncia das palavras. A meu ver são êles que tem razão.

Diz v. que a prosodia brasileira differere muito da portugueza. Não creio, no que respeita á sílaba predominante dos vocábulos. Inquestionavelmente há confusão entre o valor das vogais e o que seja sílaba tónica ou predominante, no que se afirma a p. 206 — 212 e 316 dos *Estudos de literatura*; Pois a sílaba predominante de *diccionário*, *sciência*, *história*, *período*, *inútil*, *colónia*, não é no Brasil a que está marcada com o acento? Diz-se lá acaso *diccionario*, *sciencia*, *período*, *colonia*, etc. ou *diccionarió*, *periodó*, *coloniá*? O 2.º o deste ultimo vocábulo é mudo, diz v. Seria isso um fenómeno por tal forma estupendo que desmortearia todas as previsões. Se aquele o é mudo, qual é então a sílaba tónica? Mas se as predominantes não coincidem com as portuguezas, os versos portuguezes deixam de o ser no Brazil, e *vice versa*; mais: um portuguez e um brasileiro não lograrão entender-se, pois nada contribui tanto para a mútua intelligibilidade de dois idiomas aparentados como a coincidência da sílaba predominante nas palavras que lhes são comuns, como nada a dificulta tanto como a desconformidade nesse ponto. E' por isto que o castelhano e o italiano são tão facilmente perceptíveis para os portuguezes, e continuo a crer que para os brasileiros, mesmo que desconheçam aquelas linguas; o contrário succede em relação ao francês, exactamente por aquella desconformidade.

Creio haver respondido aos principais óbices apontados por v e só me resta agradecer de novo a distincção com que me honrou.

Sou, com a maior consideração, etc.

GONÇÁLVES VIANA.

*Vendem-se collecções dos « Annaes », ricamente encadenadas, do primeiro trimestre de 1904, e primeiro semestre de 1905.*

## PAGINAS ESQUECIDAS

SARAH BERNHARDT

Nesta mesma secção, num. 19, 21 e 23 dos *Annaes*, inserimos os *Bilhetes de Pariz* em que Eça de Queiroz, numa má lingua admiravel, commenta a *tournee* de Sarah Bernhardt pela America e uma das formas mais pittorescas do nosso enthusiasmo, das nossas festas á celebre *cabotine*. Hoje, aproveitando a oportunidade que ella nos dá com a sua presença, vem a tempo o seguinte artigo de Fialho d'Almeida:

... ..  
Ella é, de facto, a encarnação da arte contemporanea, frenetica, inquieta e com a *forte fièvre hallucinatoire* da gestação artistica, de que fallava Jules de Goncourt, que a arrebatava, num turbilhão de exasperos, para esse paiz do novo, do impossivel, do desconhecido, donde, ou se volta transfigurado, ou, em caso contrario, lonco. Dentro desta grande bohemia, que um fatalismo de tribu precipita, através do mundo, a todo o galope das locomotivas e dos paquetes, se debatem e conflagram, em bruscas luctas, umas poucas de creaturas diversissimas: e dahi nasce talvez a seducção mysteriosa que a comediante exerce no seu tempo—este tempo de que ella está sendo, afinal, a allegoria triumphante e imprescindível!

São já conhecidas do publico as aptidões da sua estranha organisação de artista e de homem de genio, tão exuberantes e tantas, que o mais pequeno dos seus manejos, um gesto, uma palavra, um sorriso, um traço de penna, um desenho de vestido, quasi, para assim dizer, criam uma arte, ou a impulsionam e fazem explodir, do rotineiro nucleo em que ella, antes de Sarah, esmorecia. Assim nós a temos pintora, esculptora, comediante, aeronauta e escriptora dramatica: com a sua voz corrigindo a musica, e fazendo uma escola de dicção (iamos escrever de gorgeio) nos theatros de Pariz: com a sua figura apeando a belleza antiga, das consagrações contemporaneas da estatuaria, para lhe substituir o seu nervoso typo elançado de *femme-garçon*, a Venus hysterica deste seculo, que põe no amor estonteamentos de vicio, pela turbadora indecisão sexual em que parece esthesiar-se.

E a elegancia das *toilettes* que ella iuventa, um pouco macabra, para melhor fazer valer as suas bellezas incorrectas, e a predilecção dos tons attenuados, que ella allia e váe casando, nos *deshabillées* e nos vestidos, como uma symphonia de côres mortas, que lhe realcem o typo enigmatico de garça e de princeza de lenda—especie de Hamlet feminino, inquieto de todas as duvidas religiosas da arte — ainda mais acabam d'exalçar este extraordinario character de judia, este fata-

lismo artistico, superior e absorvente, que avassala e se impõe, como jámais mulher alguma o conseguira, tanto tempo, á admiração incondicional do mundo inteiro.

\*  
\* \*

Fecho os olhos e vejo, na camara escura da idéa, surgir como uma evolução do sobrenatural, evocada pela prodigiosa força psychica dum *medium*, esta apparição *en qui vont les péchés d'un peuple*, diria Mallarmée, fascinadora e inquietante, que se balanceia como o lirio que Theodora tráz nas mãos, e que me embala e adormece com a sua vóz paradisiaca, pondo na minha miseria os seus olhos de saphira, que a morte allucina, e a dilatação das pupillas torna tenebrosas. Naquelle sêr de esphinge e de panthera, formoso e estonteador, que pelas aventuras e incoherencias da sua vida, pelas selecções transcendentaes da cultura artistica, miragens da belleza, e energias fulvas da paixão, se poderia comparar talvez ao crime inexpiable de toda esta nossa civilisação de mentira: naquelle sêr transmuta-se a physionomia a cada instante, e numa hora de convivio, a face della sugere-nos, pela expressão pictural das contracções, toda a galeria de typos a que o seu nome anda ligado, de Phedra a Tosca, de Margarida Gauthier a Lady Macbeth.

Eu as vejo! Eu as vejo! circular de roda da minha alma, como outras tantas estatuas das minhas resplandecentes chimeras de contemplador e de misanthropo! Primeiro, é Phedra, enlanguescida na sua tragica melancolia, a recordar-se, num desespero, os cabellos eriçados de assombro, que ha de ser o inflexivel Minos, seu pae, que ha de julgar-a. Depois, é a Maria de Neubourg do *Ruy-Blas*, branca de espuma, flexivel como uma penna, e tão loira e celestemente adúltera — essa exilada rainha, de cujo coração a nostalgia deborda, em versos de oiro, quando pendida ao pescoço do amante, lhe diz volatas de amor, labio por labio, hausto por hausto, desejo por desejo, naquella vóz ciciosa e penetrante, que descendo á alma enfeitiça, como nenhum effeito de harpa ou violino. E adeus Gilberta do *Frou-Frou*, fogo fatuo do lar, ondeante como o capricho que te impelle, folha de rosa, ao amor dum homem casado!...

Altiva Dona Sol, cuja paixão torna o bandido em duque, e o beijo de nupcias em peçonha mortifera. Maria Tudor e Zanetto do *Passant*, Cordelia do *Rei Lear*, e Blanche de Chelles da *Esphinge*... todas vós, ó vaporosissimas figuras, que vindes da inspiração dos poetas, em bandos, como pombas, acrescentar a nocturna ronda de phantasmas belouçados ao redor do idéal artistico, sob esse raio de lua de

que tu, radiosa e grande bohemia, judia immortal, estrella d'alva do genio, lhes soubeste trespassar o coração!

\*  
\* \*

E a cavalgada de figuras cresce d'impeto, de complexidade tragica, e de pujança escultural. Bem depressa, a tunica alvacentas de Lady Macbeth atravessa a noite, numa agua forte de Goya, sinistra e medieva, e dentro dessa tunica ha gestos cavos, sepulchraes diaphaneidades, cabellos soltos, soluços, mãos que se crispam, enclaviuhando os dedos cupidos no manto real do rei Duncan, assassinado. E a somnambula, a feiticeira do Thiane de Glamis, tão sobrehumanamente bella no seu crime, vem sobre a scena transfigurar o remorso, numa litania de soluços e imprecações apenas suffocadas. —já o mar cresce, o mar de sangue real que ella espargiu — cresce e vem subindo por ella, subindo, té lhe asphyxiar a garganta contraída.

A sua vóz de oiro, essa perdeu-se, e nenhum rythmo humano pôde dar comparação do som basso, roufenho, monotono, quasi hediondo, com que a somnambula monologa, no silencio da noite, a meio do quarto:

« . Nem todos os perfumes da Arabia, reunidos, poderiam perfumar, já agóra, esta pequena mão que cheira a sangue. Parece incrível que o corpo daquelle velho tivesse tanto sangue!... Oh, não estejas assim pallida! Veste a tua tunica de noite! Ao leito! Ao leito! Mas nem toda a agua dos rios e das fontes, dos oceanos e das nuvens, poderia lavar a nodoa maldita desta mão. esta nodoa que me abraza na pelle, como se fôra uma queimadura... »

\*  
\* \*

Depois, é Theodora, a imperatriz byzantina, dum esplendor hieratico e sacerdotal, arrancando o véo que lhe mantinha o incognito, e rigida, livida, com a sua mitra d'idolo, o manto constellado de rubis, a tunica em chammas, os cabellos em serpentes, descendo do throno, a affrontar a cólera do povo que invadiu o circo, ululando ameaças. Ou então na scena do oratorio, com a sua dalmatica violeta, uma cintura de pedraria a estrangular-lhe as ancas tísicas, bella dessa belleza canalha da *cabotine* antiga, que pinta os olhos, os cabellos, os beiços — mentirosos beiços a destillar luxuria, entre sentenças de morte — e despotica, alternativamente insolente e familiar, cheia de frouxos de palavras infantis, eil-a se crucifica na porta, para impedir a passagem aos conjurados, quando já a sua vóz chora outra vez dulcissimas doloras, mimos perlados de supplicas, enfusiadas de

ironias, que fazem recuar aquelles homens mysticos e semi-barbaros. E a *Tosca*, por ultimo, é Sarah Bernhardt mesma, a comediante, numa das suas mais complexas e extraordinarias incarnações.

\*  
\* \*

Ha por ali um livro infame, que uma mulher escreveu para insultal-a, num instante de ciúme vingativo. Tem por titulo *Sarah Barnhum*, e possui detalhes duma ignominia a escorrer sangue. A sua crueza de tom porém, em vez de pôr o leitor ao lado da chronista, dá precisamente o effeito opposto, porque a calumnia transparece, e quebra a arma nas mãos da pessôa que esgrime em falso.

Apezar do seu odio, Maria Colom-bier presta inteiro culto ao genio radioso da tragica; e em livro nenhum, como neste, a mulher artista até ás pontas dos cabellos, devorada de arte e febricitante de gloria, está pintada com maior grandeza de linhas, e mais absoluta fidelidade d'impressões.

O biographo mais entusiasmado por Sarah, que pretendesse hypnotisar a massa, por um estudo incisivo da artista, em verdade que não conseguiria o effeito com mais segura pujança de escopro!

Ahi se apresenta a grande franceza, como uma creatura excepcionalmente despresadora das pequenitas conveniencias, que açaimam, na esphera modesta da familia, a simples mulher besta de carga, procreadora de filhos, cozinheira de sopa economica, costureira de fundilhos e passagens nos casacos usados; mulher-homem pela energia da idéa que a domina, e instiga, e faz correr através da gloria, sem reparar nos ridiculos que provoca, nos melindres que esgarça, e no quotidiano choque de escandalo que a sua attitudo e a sua vida fazem zoar em plena França, e em pleno mundo.

Para ella, o dinheiro, a amizade, o amor, a dedicação, e os mais enternecidos affectos de familia, são instrumento apenas da arte que cultiva, campo de observação e de analyse, aonde a acuidade da sua vista de hebraica váe sugar detalhes novos, para a perfeita transfiguração dos seus papeis. Um sinistro fogo, que a esbrazeia e dilacera no peito, a impelle, num turbilhão diabolico de locomotiva, através das mais funambulescas aventuras, das situações mais originaes, das alternativas mais contrastantes: hoje pobre, rica a manhã, depois casada, fugindo no dia seguinte com um *cabotin* da ultima fabrica, voltando a crear sobre a scena um grande typo, pondo em leilão as suas joias para pagar as contas da modista — e após as viagens, as ovações, os amores despertados de passagem, como quem morde um fructo e o cospe logo — e

costumes lançados num momento de humor decorativo, monomanias nevroticas que as grandes damas aproveitavam, chapéus que fazem a fortuna da casa Lafarrière, aguarellas e estatuetas que o príncipe de Galles manda cobrir de ouro por um dos seus ajudantes, expressamente mandado de Malbrough-Castl—e ao fim de tudo isto, o mundo que palpita da sua nevrose, que chora e ri das suas creações, que elle aproveita as phantasias para fundar pequenas indústrias, que talvez macaqueia os seus ditos, os seus trajes, os seus gestos, galanterias, extravagancias: e em paga, voltando a cara desdentosa, inda por cima ás vezes renega essa mulher extraordinaria, porque ella não tem no amor a consistencia duma porteira, nem do modo de vida intimo, o bom comportamento duma viuva de chefe de repartição...

\* \* \*

Esváe-se o tempo, vinte annos correram depois que Pariz sagrou Sarah Bernhardt como a imperatriz da scena moderna: e ainda agóra nenhuma outra mulher surtiu a supplantal-a ou a fazer-lhe sombra, tão alto o genio excepcional que ella dimana, musa divina, neste final de seculo que a sensação transviou até ás fermentações macabras da nevrose. Quantas vieram, escorregaram por ella humildemente, sem lhe assimilar um só dos predicados, nem lhe apanhar do caminho, o fio conductor de indagação psychica e de analyse, que inicial-as podesse, no mysterio estructural das suas creações. Porque a arte della é excessivamente completa e individual para fazer escola, e como Balzac no romance, e Beethoven na musica, esta excepcionalissima mulher não deixa continuadores. A sua vinda a Lisbôa, é para a cidade uma honra, e para os artistas uma festa.

—Avé, Sarah Bernhardt, cheia de graça!

FIALHO D'ALMEIDA.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

*Ainda do Mocoretá ao Passo da Patria.*  
— *Um supplicio: mil e oitocentas pranchadas — Castigar nas armas.*

Marchavamos pelo *coxilhão*, divisor das aguas que correm para os arroios Cuencas e Payubté, afluentes do rio Corrientes.

Aos campos planos, sem fim, com immensos banhados cheios de *macegaes*, succederam prados mais accidentados, matisados de capões, sentinellas avançadas das mattas proximas, onde nos informaram viverem onças pintadas e tigres negros em bandos.

O bosque sombrio era cortado por um caminho difficil e estreito. As copas das arvores, que em alguns trechos se tocavam formando uma abobada de folhagem, impediam que os raios do sol pouzassem longas horas na estrada para enxugar o sólo, profundamente encharcado. Eram barreiras á nossa marcha os arroios de passos barrancosos, os atoleiros sem desvios, os caldeirões em longas filas e os tremedaes insidiosos, cobertos de relva côr de esmeralda. O nosso general fez destacar uma faxina colossal de mais de dois mil homens para melhorar o caminho, sob a immediata direcção dos nossos prestimosos e dedicados engenheiros.

Apezar dos pontilhões lançados sobre os aguagaes, das rampas cortadas nos passos, dos grandes cocurútos achanados, das estivas nos atoleiros, das covas aterradas e da dedicação e habilidade do nosso velho capitão Machado, as viaturas da artilharia topavam, a cada passo, obstaculos; e o pezado carretame do nosso transporte de guerra, tirado por bois, não raro se atascava até aos eixos. A cavallaria desvencilhava-se o melhor que podia, mas não tão bem como a infantaria, que mostrava a sua superioridade, como a arua de guerra por excellencia, salvando agil e lésta grandes barraes e passando por trilhas que, á mão, quebrando galhos, abria no matto.

Os nossos valentes soldados se habituavam ás durezas daquella vida aspera, mas pittoresca e, na verdade, cheia de attracções, supportando as contrariedades, de bom humor e cara alegre.

Não guardo lembrança viva do grande numero dos nossos acampamentos, a ponto de distinguil-os. Todos se confundem, na minha memoria, com as suas tendas brancas, alinhadas, formando grupos regulares, os batalhões manobrando a toque de corneta ou á voz sonora e vibrante dos commandantes, que porfiavam por uma superioridade difficil de ser-lhes outorgada. Lembro-me, entretanto, de alguns, que me deixaram impressões iudeleveis.

Entre todos destaca-se o de Cuencas, pelas côres sombrias do quadro tragico de que foi theatro.

Alli, recordo-me bem, o meu regimento acampou perto da orla da matta, num almargem ameno, onde o sol dourado da primavera, caíndo sobre a relva verde e viçosa, dava á terra uns tons leves das nossas côres nacionaes.

Bem cedo ainda, ouvimos o signal de commando em chefe e o toque de reunir.

Que seria? Entrámos apressados em fórma. Em pouco tempo, estavam reunidos, no limitado campo, os cor-

pos, os regimentos e os batalhões das tres aruas. Sentia-se alguma coisa de grave, de extraordinario, no ar.

Manobraram todos e formaram um vasto quadrado. Clarins e corneteiros, em bandas completas, avançaram para o centro, empunhando alguns as elasticas espadas de prancha regulamentares, sem ponta e sem guime. Avançaram tambem, seguidos de escolta, dois soldados moços, brancos, esbeltos e fortes. Um capellão e um medico, muito jovens ainda, completavam aquelle grupo dramatico.

As noticias entre a tropa circulam, sem se saber como, rapidamente: aquelles dois homens iam ser castigados, por terem atacado um official estrangeiro. Dizia-se que o crime estava previsto no 18º artigo de guerra, e que a pena era capital. O mesmo crime, em Roma antiga, era punido com a clibata até á morte, *fuste verberari fustuarium*.

Iam ser arcabuzados, sem a sancção do Imperador? A applicação do castigo nos exercitos deve ser prompta. A demora enfraquece a auctoridade e, quando o processo se arrasta em longas discussões e chicanas forenses, quando são esquecidos e postos á margem os são e nobres preceitos disciplinares, torua-se até ridiculo, com offensa do que a vida militar tem de mais bello e nobre e constitúe a sua grandeza, a disciplina, a subordinação e o respeito mutuo entre superiores e inferiores.

Estavamos attentos e unidos, esperando o desenrolar do pungente quadro.

Um dos presos deu alguns passos para a frente, e parou, destacando-se do grupo.

Acompauharam-no dois corueteiros cada um com a sua espada de prancha na mão direita. Postaram-se aos lados do paciente, cujos braços caíam fronxos, cuja cabeça pendia para o chão, de desalento ou envergonhada de fitar os camaradas. As duas espadas reluziram ao mesmo tempo e caíram sobre os hombros largos daquelle homem athletico. Em poucos instantes, aos golpes, que se succediam num rythmo fatal, a camisa voou em tiras avermelhadas e as costas brancas tingiram-se do sangue rubro, que esguichava. Cruzou as mãos e estrinchou os dedos de dôr.

Os corneteiros fôram se substituindo aos pares e as espadas continuavam a cair surdas e peizadas sobre a massa sanguinolenta das carnes maceradas. Contámos cincoenta pranchadas.

O castigo não parou! O querido general exorbitava! Cada um daquelles milheiros de homens que presenciavam o lutuoso spectaculo, sabia que ninguem podia castigar com mais de cincoenta pancadas de espada de



prancha e que a lei estava sendo violada, mas não ousava dizel-o ao camarada, que lhe sentia o toque do cotovelo.

O infeliz persistia sem um ai, sem um gemido. Cruzava os braços apertando o largo peito e constringindo o coração, cujas ancias só elle sabia si eram pela dôr ou pela deshonra. O medico se conservava triste, cabisbaixo e mudo. Era estudante ainda e se offercera para a guerra, sem imaginar que a disciplina lhe reservasse aquelle amargurado transe.

Mais de cem já eram os golpes, quando irroupeu dos labios resequidos do condemnado um gemido de afflicção. A esse, outros e mais outros se succederam compassados, rythmados ao bater das espadas no corpo flagellado. Depois... não pôde mais... caíu de bruços. Avançaram tres homens. Dois collocaram sobre os hombros direitos uma carabina em posição horizontal e mantiveram-na segurando-a com a mão direita, um voltado para o outro. Dois corneteiros ergueram o corpo torturado, passaram-lhe os braços por cima da arma e o terceiro homem, na frente, seguiu-os pelos pulsos. Chamava-se isto — *castigar nas armas!*

Continuou o supplicio. Os gemidos fôram pouco a pouco esmorecendo, até que se extinguiram de todo. Ouvia-se sómente, de vez em quando, um estertor do agonisante, cujas pernas bambaleavam. E as espadas continuavam a bater, vibradas por braços sem vontade, mas com muita força. O pobre desfallecia; a cabeça caía como desarticulada e o corpo era apenas sustentado pelos braços presos á carabina.

Approximou-se o medico, tomou o pulso e fez um signal. Ainda vivia. As pranchadas já tinham excedido de um milheiro... O pulso batia ainda e o coração do desgraçado ainda latejava. O castigo devia proseguir! As espadas batiam sempre implacaveis e peizadas.

O misero desmaiou e rolou na relva, rubra de tanto sangue. Não pôde aguental-o o camarada que lhe segurava os pulsos. Era, entretanto, um hercules. A compaixão relaxou-lhe os musculos de aço e deixou cair o companheiro quasi exanime. Devia ser grande a magua desse homem, a avalial-a pela minha, que era indescrivivel. Levantaram-no novamente, puzeram-no semi-morto nas armas e as pancadas continuaram surdas e sempre peizadas.

Depois de passadas mil e quinhentas, o medico tomou-lhe o pulso outra vez e não o sentiu; auscultou o coração e nada ouviu. O homem estava morto. Levaram-no numa padiola.

O outro que assistia, só Deus e elle sabem como, aquella scena, avançou

por seu turno para ser castigado até morrer. Aquillo já durava muito e nós que assistimos angustiados o supplicio de um, iam ver o do outro com a alma cheia de lamentos e protestos, firmes e mudos. O segundo resistiu mais do que o primeiro, levou mil e oitocentas e tantas pranchadas!

Mais de uma vez, tomou-lhe o pulso e auscultou-lhe o coração o bom Isidorinho, que guardou para sempre na alma caridosa e amiga a recordação acerba daquelle dia doloroso. Teve como o outro uma syncope, que lhe paralysoou os movimentos do coração e, como elle, tambem foi transportado para fóra do quadrado em uma padiola, para ser reconhecido o obito e sepultado.

Estava consummado o horrivel *verdictum*.

As forças formaram em columna de marcha com as musicas á frente e voltavam para os seus acampamentos. Rompemos a fórmula sem a alegria dos outros dias. Envolvia as nossas almas juvenis densa caligem de desalento e tristeza.

Á tardinha, depois da *trindade*, reunidos ao redor do fogão, Amarilio, Costa Mattos, Eugenio de Mello e eu, commentavamos baixinho o espantoso caso.

— Melhor fóra que tivessem sido arcabusados.

— Sem duvida; é a pena do código.

— Mas seria preciso a sanção do Imperador e elle não a daria.

— Que importa? Seria menos barbaro.

— Mas não era legal.

— Menos legal foi essa crueldade, a que assistimos.

— Dizem até que nem houve processo.

O quadro assombroso de Cuencas jámais se apagou da memoria dos que o viram. Eu o sinto, horrorisado ainda hoje, em todos os seus affectivos detalhes. Os annaes do nosso exercito, na campanha do Paraguay, registram mais dois castigos como aquelle. Em São Fernando, no Taquary e em Caraguatay, nas Cordilheiras. O primeiro, no tempo do Marquez, foi applicado a uma praça de artilharia, que ousou puxar da espada contra o general Ozorio, que já era então o idolo do exercito. O delinquente foi morto a vergastadas e enterrado numa cova aberta no lugar. O outro foi já no tempo do principe. O soldado apanhou até morer por ter matado um velho paraguay, para se apoderar de um carneirinho que elle creava.

Os generaes em chefe privados de mandarem arcabuzar, porque para isso seria mistér o consentimento imperial, mandaram fazer essas execuções para exemplo. Não fôram exemplos bons esses, porque fôram imitados por commandantes, que excederam muitas

vezes o limite regulamentar do castigo corporal.

Ha trinta annos, o illustre conselheiro Junqueira aboliu a pena de pranchadas; dizem, entretanto, que ainda é applicada, na sombra, por alguns officiaes e commandantes, facto em que não creio.

Longe está o tempo, em que Clearco descrevia o official romano, nestas palavras:

*In manu sinistra hastam tenet, in dextra scipionem.*

Este *scipionem* é o accusativo de um simile da vara de marmello ou da correia de malote dos nossos velhos sargentos.

Dois mezes mais tarde, estava na casa da ordem, quando fôram apresentados, para ficarem addidos do regimento, dois soldados, magros e macilentos. Eram os resuscitados de Cuencas. Lembro-me bem delles, estavam alquebrados, mas nos olhos havia ainda muita vida. Mais do que o tremendo castigo, que soffreram, devia pungir-lhes na alma a vergonha do crime que commetteram. Por muito menos, o consul Cotta mandou chibatear o parente Aurelio Cotta, seu substituto no sitio de Lipari.

DYONISIO CERQUEIRA.

## O ALMIRANTE (52)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

### CAPITULO XIX

— São os melhores maridos, trabalhadores, humildes, pacientes, muito amigo das mulheres. Vocês falam, desdenham por despeito. Quem lhes dêra um desses carne-seccas...

— Na verdade — atalhou a matrona — esses se pôdem chamar os maridos de dispensa farta, coisa essencial para a felicidade de uma familia. O meu, que Deus haja, era um delles. Eu sempre fui senhora da minha casa, nada me faltou e ainda hoje tenho saudades delle.

Continuaram os commentarios provocados pela presença da marquez, feitos com franqueza tão irreverente que Marianinha os notou com vexame.

— Parece — disse ella — que somos uma novidade de sensação neste lugar. A comadre já viu como toda essa gente fita em nós olhos curiosos? Em nós é um modo de falar. E' a senhora quem provoca esse escandalo.

A marquez não ouviu quasi a observação da amiga, tanto lhe abalára os nervos deparar-se-lhe o dr Leonel em quem reconhecera um dos mysteriosos visitantes da vespera, lançando olhares sciutillantes no crystal.

dos oculos, olhares que se lhe figuravam alludir ao compromisso revolucionario. O doutor aguçara o tom da voz rouca, como si falasse para a marquezia, fazendo referencias sarcasticas á politica, ao governo provisório com phrases cortantes, enigmaticas, alludindo á intervenção da Providencia, ao futuro proximo, phrases que estoiravam ameaçadoras nos ouvidos sobresaltados da marquezia, que estremecia receiosa de uma inconveniencia, de ser abordada por elle deante de toda aquella gente, a acompanhar com avidez todos os seus movimentos. Mas o doutor continuava, numa exaltação cada vez mais accentuada, a se dirigir aos amigos attentos, bebendo as suas palavras ferózes, incisivas, como ameaças propheticas do imminente castigo de Deus.

— Esta noite, amigos — declarou elle, intencionalmente — talvez se resolva o problema, a menos que me não faltem elementos promettidos.

Os amigos não apprehenderam o sentido dessas palavras, que contundiram o coração da marquezia.

— A senhora conhece aquelle homem de oculos? — perguntou-lhe Marianinha.

— Não, nunca o vi.

Nesse momento, se approximou das duas o Castrinho, pressuroso, aos saltinhos, num andar de passarinho, o rosto dilatado no mais amavel sorriso e descoberta a cabeça expondo o par de pastinhas de cabellos raros, muito escovados e lustrosos.

— Bons olhos o vejam — exclamou Marianinha.

— O Castrinho não é mais dos nossos — observou a marquezia, para quem a presença do Castrinho vinha a proposito.

— Ah, minhas senhoras — gemeu elle, desculpando-se — Não imaginam como ando atrapalhado da minha vida. Vossas excellencias não querem tomar alguma coisa. Sem cerimonia. Estou encantado com este feliz encontro. Como passa a querida marquezia?

— Como velha. O senhor quasi não me reconheceu.

— Oh, minha senhora. Em a vi de longe e corri a apresentar-lhe os meus respeitos. Quanto a dona Marianinha, quasi todos os dias tenho informações pelo Martins, meu particular amigo.

— Oh, senhor Castrinho — perguntou-lhe Marianinha — conhece aquelle homem.

— Quem? O Amador? E' um homem terrivel, um Ferrabraz, capaz de aniquilar, de um murro, uma duzia de homens. A dar credito ás suas façanhas, ao que elle conta, ao que se diz delle, é um homem que conta as victorias pelos botões da roupa, elles dariam para encher um cemiterio, construido para o uso particular da-

quelle valentão. Pondo de parte as bravatas, é um bom sujeito, vivo, intelligente, incapaz de fazer mal. Mas... porque me perguntou?

— En? Porque fiquei impressionada com os seus modos ameaçadores.

— Tranquillize-se, dona Marianinha — Elle fala como um trovão sem tempestade.

Os conceitos do Castrinho calmaram os nervos da marquezia, cuja mão delicada cessou de tremer tomando um sorvete.

— Como vão os negocios? — perguntou-lhe a marquezia.

— Admiravelmente — affirmou Castrinho, alizando as pastinhas negras — admiravelmente. O commercio está animadissimo. Surgem empresas. Ha dinheiro a rôdo. Este governo foi mandado por Deus para empurrar o nosso Brazil para a frente. Vossa excellencia não lê nos jornaes as noticias das empresas que se organizam todos os dias? Empresas vantajosas, cujas acções andam por empenhos? Trabalha-se agóra a valer. O dinheiro apparece. Os negocios se multiplicam. Os papeis mais desmoralizados subiram a cotações magnificas. Estamos em plena prosperidade.

E o Castrinho, fatigado de gestos academicos, enclugava o rosto com um lenço perfumado, exhibindo os dedos ornados de preciosos anneis.

— Váe tudo ás mil maravilhas — apartou, ironica, a marquezia — O povo não se queixa, não ha surdo descontentamento.

— Nada, nada disso. O povo abençôa o governo, que continuou, vigorosamente, o desenvolvimento industrial iniciado nos ultimos dias do Imperio.

— Não ha então receio de que o governo enfraqueça?

— Qual, historias. O governo está firme como a pedreira de S. Diogo. O Martins, que é cá do officio, que o diga. Nós, no commercio, temos o barometro da politica.

Nesse momento, o Castrinho foi surpreendido pelo chefe da confeitaria com dois embrulhos de papel côr de rosa, assetinado, amarrados com doirados cordeis. Castrinho os offerceu galantemente ás senhoras e ergueu-se.

— Vamos tambem — ponderou a marquezia.

E como ao seu pedido da conta, o chefe lhe respondesse com um sorriso significativo de que estava paga, as duas senhoras dirigiram amaveis censuras ao Castrinho, todo enleiado a desculpar-se da sua onsadia.

Tanto que se ergueram, passon-lhes perto o doutor Leonel, que, baixando os olhos, respeitadamente tocou no grande chapéo negro desabado, com um gesto lento.

— Como váes, Amador? — disse-lhe

Castrinho, sandando-o com familiaridade.

Elle não se dignou responder: sorriu com certo ar de superioridade compassiva e tocou de novo na aba do enorme chapéo.

A' passagem daquelle personagem, a marquezia se arripou num calefrio de terror, e respirou alliviada quando elle se sumiu na torrente humana, canalizada na estreita rua do Onvidor.

Castrinho, sempre amavel, acompanhou-as até á carruagem postada no largo de S. Francisco de Paula, deixando-as com protestos de volver ás habituaes recepções de que o haviam afastado as extraordinarias occupações de bolsa, a febre de negocios que naquelle momento agitava todo o organismo nacional em lauces megalomanos.

A marquezia desistira de fazer outras compras, para não encontrar de novo aquelle homem sinistro, cuja visita ella aguardava mais tarde, com ansiedade torturante, produzida pela fascinadora attracção do perigo.

(*Continúa*).

## A MENTIRA FEMININA

### V

(*Começou no passado e conclue no numero seguinte.*)

Da epocha do Concilio de Trento aos annos recentes, as modificações mais variadas se succederam, sem alterarem apparentemente a situação da mulher que pôde expandir constantemente o seu poder intimo, adquirir enorme influencia, sem que a mentira deixasse de ser a sua arma indispensavel. O homem conheceu os efeitos desta, resignou-se, considerando que a mulher nascera mentirosa e que era inevitavel defrontar os riscos desse vicio organico. Elle persistiu, zombando e soffrendo, em lhe ignorar a psychologia, em declarar-a enigmatica, em lhe attribuir eterna perversidade. Nunca lhe occorreu que essa mentira fôsse resultado da maneira secular de tratar a mulher socialmente e que poderia ser eliminada progressivamente, si uma transformação social a tornasse inutil.

Sendo as concepções successivas do homem reflexos das manifestações do instincto permanente, ellas não se superpõem sem se substituirem no seu espirito. O antigo egoismo da propriedade, a utilidade de conservar um bem precioso, de fazer ao objecto de goso, de procrear soldados, as concessões devidas ao modelamento dos costumes e ao empenho de assegurar a vibração reciproca da mulher possuida, o consentimento em fazer da escrava um

idolo, a idéa da fatalidade da mentira original, certificada pela Escriptura, tudo isso se alliviou e encontramos, confusamente, nos impulsos do homem contemporaneo. O homem, apaixonado ou simples possuidor de uma mulher, sente tudo aquillo conforme as circumstancias. Em tudo aquillo, a innatidade só se revela aos olhos dos convencidos da divina verdade do Genese, aos dispostos a considerarem Eva a primeira mulher, a fabula da serpente como veridica e o peccado original como explicação licita. Seja um symbolo, elle representa a longa reputação de astucia, imputada á mulher pelas gerações anteriores ás edades biblicas, reputação justificada, proveniente da oppressão feminina e de suas reações contra a escravidão. Em outros termos: a innatidade da mentira feminina é um dogma inventado, contemporaneo da hypothese biblica, um dogma que synthetiza, como todos os dogmas, uma série de observações geraes.

A mentira feminina não é uma propriedade nativa, organica, sinão um resultado de dispositivos sociaes. A mulher não nasceu assim: o homem, escravizando-a, fez-a mentirosa. A mentira não é um instincto, mas um resultado das compressões dos instinctos, compressões de cincoenta seculos terminando por simular um instincto primitivo ao ponto de se identificar a uma segunda natureza. A mulher se tornou mentirosa da mesma maneira que, nas aguas subterraneas, certos peixes ficam cegos, pela lei da accommodação ao meio e nós não poderemos mais imaginar o que seria uma mulher, libertada dessa obrigação archi-secular de mentir.

#### VI

Seria, entretanto, opportuno imaginar a mulher libertada dessa tara numa epocha em que a crise do liberalismo abrange todas as coisas, numa epocha em que as questões sexuaes teem sido abordadas por todos os homens anciosos por excluir, systematicamente, a injustiça individual com risco de desorganisarem os Estados. Seria indispensavel, primeiro que tudo, definir a mentira feminina. A expressão concerne, principalmente, á pretensão instinctiva da mulher, quer seja livre, quer tenha accettato o contracto matrimonial, de dispor, á sua vontade e na hora desejada, do dom de si mesma e as dissimulações que provoca a contestação opposta pelo homem áquella pretensão. E' isso tudo o que, na mentira feminina interessa ao homem, considerando-se lezado em uma propriedade exclusiva e dando a essa lezão os nomes de adulterio, de traição.

E' impossível tratar aqui das innumeraveis gradações dessa supposta ou

verdadeira falta a compromissos que a logica natural torna muito discutiveis. Mas a mentira feminina não é mais do que a alienação clandestina do corpo e do espirito, estendendo-se a todas as manifestações psychologicas com as quaes a mulher se esforça por evitar a antiga escravidão, a todos os habitos indirectos de sua expressão pessoal, embaraçada outr'ora pela força e hoje por um código de preconceitos e conveniencias, meos brutal, mas egualmente vexatorio. Isso condúz a estudar todas as maneiras de que a mulher se mune para pensar e agir contra a vontade do homem; condúz a verificar até que ponto sua situação social, muito particular, modificou o processo psychologico dos seus actos de modo que, partilhando a vida masculina, ella o faz por força de razões jámais comprehendidas pelo homem.

#### VII

O exame das mentiras femininas, mais vulgarizadas, mostra serem ellas obra do homem, das suas exigencias. Ellas pódem ser reduzidas a algumas categorias geraes. A immoralidade do adulterio é proporcional á da propria união legal e ás condições do problema da fidelidade, exigivel de uma rapariga deixada, pela educação e pelo bem estar, na ignorancia, intitulada honrosa, de toda a physiologia, levando-a a se comprometter ao dom exclusivo de si mesma, sem lhe conhecer o sentido e o valor, arrastando-a a um absurdo moral, a um verdadeiro abuso de confiança. Uma mentira impõe outra, porque a sociedade não permite que se repare a primeira com uma sinceridade franca, mas mentindo outra vez.

Esse caso é muito elementar: resulta do velho organismo social, da theoria da ignorancia necessaria á mulher e do direito abusivo de dispor della sem consultar o seu gosto, as suas tendencias. Outro caso mais subtil, si bem que muito vulgar é o da mulher que mente sem ser obrigada a isso, sómente porque ella resulta de uma longa hereditariedade de timidos habituados á dissimulação, a apresentarem, indirectamente, os seus pedidos, e obter por lisonja, galanteria ou capricho, aquillo que suppunham não obterem formulando simplesmente a sua vontade. E' o signal de uma longínqua submissão de seres que murmuravam aos travessêiros o que não ousariam dizer alto, em pleno dia, e obtiveram da obsecção do prazer o que o sentimento de justiça jámais lhes concederia.

Um outro caso é o da mulher que suppõe ganhar mais mentindo, fingindo submetter-se, obtendo indirectamente, do que se proclamando egual ao homem em direitos e deveres. Ella

evita mais encargos do que perde vantagens. Essa fez um serio estudo da verdade masculina e não trocára a sua sorte pela de uma mulher como as sonhadas pelos feministas, ás quaes o homem não se julgaria no dever de compensar com a galauteria os direitos denegados pelo seu egoismo. Essa tem tudo a ganhar no seu papel de victima e mente por gosto; nessa se agita o obscuro, o secular odio da serva, conhecendo pela extrema experiencia da escravidão, como conquistar lucros secretos, esquivando-se a todas as responsabilidades.

Um caso mais raro, cuja significação é, entretanto, profunda, é o da mulher que despreza a mentira, convencida da necessidade de mantel-a, sabendo que o homem organison toda a machina social para evitar que ella dissésse verdades. Ella conhece numerosos exemplos de mulheres depreciadas, perdidas pela frauqueza, ás quaes não se perdoou não haverem mentido: sabe que o homem não é digno, em geral, de uma mulher franca embóra a exija com empenho, e que desarranjaria todo o edificio por elle construido; sabe que é perigoso manejar a verdade, que, mesmo anhelada sinceramente, deve ser conforme aos desejos do homem, sob pena de provocar malquerença feróz á mulher que a proferiu; sabe, finalmente, que o homem lhe será mais reconhecido por uma mentira lisonjeira do que por dez verdades imparciaes. E mente, quando é preciso, com prudencia resoluta e alguma repugnancia, por indulgencia ao illogismo do seu senhor.

#### VIII

Esses quatro casos, ás vezes reunidos em um só, contêm quasi todas as mentiras femininas, todos dependentes do homem e não de uma tendencia innata da mulher. E delles somos levados a indagar até que ponto o homem é sincero, lamentando-se da mentira feminina, lamentação que constitúe o maior trecho de bravura do romance sentimental.

Desde que a innatidade não é demonstravel e que o habito da mentira é um resultado da ordem social querida pelo homem, podemos indagar por que estranha obstinação ou perversidade, por que luxo de dôr voluntaria, elle finge acreditar numa fatalidade eterna e della se prevalece para nada modificar numa situação por elle creada. Parece que sómente delle depende destruir a legenda da perfida Eva, tornando superfluos os desvios de sua vontade contrariada. A tarefa não seria, por certo, facil e de rapidos resultados immediatos, e quando a mentira feminina se tornasse inutil pela suppressão dos seus moveis sociaes ou privados, seria, ainda, necessario esperar que uma longa hereditari-



idade de liberdade, lentamente adquirida, apagasse da psychologia feminina o habito secular das retorsões da vontade, do capricho, da astucia, inseparaveis da mulher conduzindo algumas a mentirem por prazer, sem necessidade, pela função de um costume geral do espirito, tomando o caracter de um mysterio pavoroso. Seria essa uma ardua tarefa, demandando muita paciencia.

Si se considerar, entantanto, a immensa somma de lamentações do homem, si se pensar que essas queixas são o assumpto de innumeraveis livros, de dramas quotidianos, chega-se a concluir que tal esforço não deveria desanimar-o, que elle o emprega para fins menos anhelados, que deveria tental-o si fôsse sincero.

O estudo da questão indúz a pensar que o homem é pouco sincero, apesar de todos os seus protestos, por diversas razões, por egoismo ao principio, depois pela sua ignorancia real da psychologia feminina e, finalmente, pelo culto inconsciente de uma dôr imaginativa que o agrada e o exalta.

Vemos, ha algum tempo, uma emancipação social da mulher por um movimento precipitado algo incoherente. Ha bem pouco tempo, a fórmula —dona de casa ou cortezá—era ainda proferida; o dilemma correspondente —escrava ou idolo—substituído por —companheira ou igual. A experiencia social ensina a desconfiar das refôrmas votadas em lances de entusiasmo, sem as bases de uma lenta conquista prévia dos espiritos. O homem concedeu, pressuroso, com certa galanteria, uma série de refôrmas femininas em todos os domínios; mas a rapidez desse movimento liberal mascarava uma profunda repugnancia em modificar os pontos essenciaes e primitivos, confinantes com a velha questão da propriedade corporal, e vemos como as questões do divorcio, da união livre, progridem tão lentamente para a solução, quão rapidamente fôram concedidas certas accessões, como a franquia aos empregos masculinos. E' que nesse ponto se toca no velho segredo do egoismo do homem: si a hereditariedade de astucia é secular na mulher, a hereditariedade de auctoritarismo é secular no homem e dessas noções parallelas, si alguma é innata ou, em todo o caso, preexistente, é evidentemente a segunda.

Reconhecer que a mulher possa dispôr absolutamente, fóra de todo o contracto social, do seu corpo, não confundir fidelidade com sinceridade, não exigir da mulher juramentos de alienação da sua pessoa a um só, de maneira a não forçar a trail-o para obedecer ao seu desejo, seria para o homem um sacrificio do egoismo, uma refôrma de instinctos de que a sua razão seria capaz, mas detestada

pelo sentimento do *eu*, si bem que consentida por espirito de abnegação, por fervor theorico, sendo incalculavel o tempo necessario para se renunciar naturalmente, sem magna a um instincto santificado pelas religiões.

Além de constituir isso a refôrma total da familia, do Estado, do problema das relações do individuo e da collectividade, seria a destruição de uma innatidade, coincidente com o sentimento de propriedade.

Não temos de encarar, aqui, a questão do ponto de vista mystico, mas não se resiste a tentação de dizer que, si houve um peccado original, é preciso collocar-o numa epocha desconhecida em que o homem se arrogou o direito de considerar bem movel a sua companheira, numa epocha em que o attractivo magnetico para a mulher, com intuitos de fecundação, se traduziu no cerebro do homem por um desejo de subjugar. E' nessa phase, para sempre mysteriosa, que se deve collocar um peccado original muito differente do do Genese, e do qual todas as religiões, constituindo e ratificando a ordem social, fizeram uma arma contra a mulher: peccado perpetrado pelo homem contra a liberdade da sua igual e, por conseguinte, contra a sua alma forçada a dissimular, a mentir, pela pressão daquella violencia, da ruptura arbitraria do equilibrio entre as duas metades dessa entidade complexa, chamada par.

A redempção desse peccado original consistiria na renuncia absoluta do homem á sua usurpação de direitos; a punição desse peccado, admittida a fórma mystica da hypothese, estaria nas duvidas, coleras, agonias do homem quando vê o seu egoismo frustrado pela astucia feminina, por elle desejada, provocada a um combate eterno. A expiação mystica dessa falta original estaria ainda no anhelado do homem de ser amado por sua escrava, sem se contentar com lhe possuir a carne passiva, na ambição de lhe ganhar a alma e a voluptuosidade consentida, no ciúme do segundo gráu, despertado com os primeiros symptomas do refinamento sentimental, não sufficientemente assegurado pela posse material.

## IX

Sem suppôr, no homem, a vontade de reparar a injustiça primitiva, em nome de idéas abstractas por accessiveis á massa, pôde-se dizer que a sua ignorancia secular da psychologia feminina complica ainda mais a obra que poderia tentar seu rapido resarcimento de generosidade altruista. O homem desdenhou a preocupação de penetrar a verdadeira alma feminina; estudou, para as necessidades occurrentes, a alma da mulher tal qual elle a fez para frustral-a; estudou, na acção combativa e defensora, como

inimiga e não como alliada. Elle a avalia pelos falsos aspectos, ignora a sua constituição intima e não sabe, absolutamente, o que seria uma mulher libertada da obrigação de impôr ás suas vontades uma fórma indirecta, uma vez que elle sempre se esforçou por manter essa obrigação.

CAMILLO MAUCLAIR.

Sob o titulo *As Religiões*, Leão Tolstoi concebeu um livro que nunca escreveu, no qual se propunha a estudar as diversas religiões e seitas em que se divide a humanidade, e demonstrar que a variedade de fórma e doutrina, na apparencia dissidentes, se harmonisavam no anhelado de todas — procurar o caminho para Deus.

Na opinião do propheta russo, expressa na introdução desse livro não escripto, a variedade de religiões, de seitas, por mais absurdas que sejam, por mais divergentes nos ritos, todas coherentes no fanatismo de seus ministros, se pôde comparar á das linguas, exprimindo por sons diversos o mesmo pensamento, a mesma coisa, a mesma acção. Para elle, afirmar a existencia de varias religiões é um erro; ha uma sómente que está nos corações, sejam as orientaes, baseadas na doutrina dos brahmames e dos velhos chinezes seis seculos antes de Christo, engendrando Budlia, Láu-Tsê e Confucio, sejam as occidentaes, baseadas sobre a doutrina egypcia e persa, as quaes todas depois de uma depuração de erros, de preceitos, de superstições, durante quinhentos annos, se condensaram no christianismo.

Moysés disse aos hebreus: «Não procure Israel a religião nem na montanha, nem no mar, nem no céu, nem na terra, sinão no coração.»

Os milheiros de religiões e seitas se reúnem em torno de poucas doutrinas — a de Budlia, a renuncia á vida; a de Láu-Tsê, a suppressão dos desejos; a de Confucio, o serviço do Estado; a dos prophetas, a preparação do reino de Deus; a de Socrates, o desprezo do corpo e a cultura do espirito, doutrinas fundadas em verdades, cuja revelação adquiriu intensidade e se foi aperfeiçoando, na proporção dos progressos do espirito humano e attingirá o plano feminino das consciencias.

Essas doutrinas já chegaram a um certo gráu de harmonia no christianismo que se poderia chamar a religião social por excellencia, si não fóra a obra dos sacerdotes tendendo, em todos os tempos, a deformar a crença em fetichismo. Assim como elles fôram os auctores do falso brahmanismo, são os instrumentos de perturbação produzindo o falso christianismo e alé o falso mahometismo, que Tolstoi não considera doutrina do Alkorão fundamental, por ser uma confusão do Velho e do Novo Testamento.

Como consequencia dessa perversão de doutrinas, no oriente, o brahmanismo, o láutsismo se transformaram em fanatismo dos pontifices e continuam a viver afastando-se do christianismo; o confucianismo, sem o sacerdocio, permanece puro: é um christianismo mal acabado. No occidente, se realisa o mesmo phenomeno: o hebraismo evolúe para o fanatismo do sacerdocio e o estoicismo—Zenon, Socrates, Epicteto, Marco-Aurelio, sem o sacerdocio, tambem ficaram puros, proximo do christianismo, de que são o embryão, o qual une, explica e define todas as religiões antigas.

Nesse futuro livro, Tolstoi pretende descarnar as mentiras do sacerdocio, as falsidades com que deturparam a doutrina, a superstição com que amesquinham o espirito, e o terror, que é o seu principal elemento de propaganda.

**XADREZ**

**3º TORNEIO DO CLUB DOS DIARIOS**

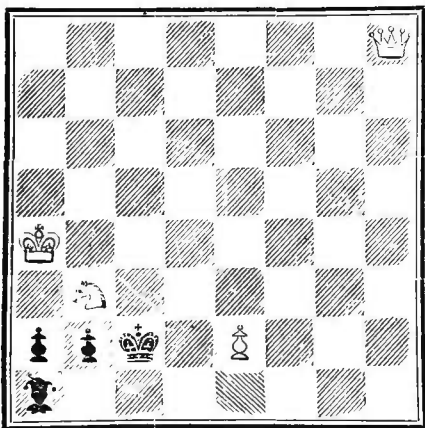
Fôram jogadas até ao dia 7 as seguintes partidas:

Até o dia	1-39	partidas
	2-7	
»	3-3	
»	4-7	
»	5-6	»
»	6-5	
»	7-0	
Total	67	

— A sorte mudou. Heitor Bastos apanhou dois zeros e José Piza um. Theophilo Torres está em primeiro plano com 6 victorias e um empate. Espera-se com curiosidade o encontro entre Piza e Thephilo.

**PROBLEMA N. 22**

F. Reimann  
PRETAS (4)



BRANCAS (4)

— Publicamos hoje duas brilhantes partidas, ambas jogadas magistralmente por Heitor Bastos e Augusto Silva contra R. S. Quayle, que é um forte amador.

**PARTIDA Nº 22**

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 1º de outubro de 1905)

**GAMBITO EVANS RECUSADO**

Brancas	Pretas
(R. S. Quayle)	(Heitor Bastos)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 4 B — 3 —	B 4 B
P 4 C D — 4 —	B 3 C
Roque — 5 —	P 3 D
P 3 B — 6 —	B 5 C
B 2 C — 7 —	D 3 B
B 2 R — 8 —	C (1 C) 2 R
P 4 T D — 9 —	P 3 T D
P 3 D — 10 —	C 3 C
P 3 T R — 11 —	P 4 T R! (a)
P x B — 12 —	P x P
P 3 C (b) — 13 —	P x C
B x P — 14 —	C 5 T! (c)
C 2 D — 15 —	D 4 C (d)
P 4 D — 16 —	P x P
P 5 C — 17 —	P x P B
B 4 C — 18 —	P x B
T 1 C — 19 —	C 4 R
P 5 T — 20 —	B 4 B
CR 3 C — 21 —	CR 6 B x
B x C — 22 —	D x P C x
B 2 C — 23 —	D 7 T mate

- (a) Bello sacrificio, que ao primeiro exame devia ser recusado pelas Br.
- (b) Este lance é unico. Si a D vem a 5 T, depois de retirado o C branco, o desastre é immediato.
- (c) Ainda um magnifico sacrificio, que, sendo acceito, traz a perda immediata das Pr.

(d) Ameaçando tomar o P. C. com xaque, e mate no lance seguinte.

**PARTIDA Nº 23**

(Jogada no torneio do Club dos Diarios a 2 de outubro de 1905)

**MAX LANGR**

Brancas	Pretas
(Augusto Silva)	(R. S. Quayle)
P 4 R — 1 —	P 4 R
C 3 B R — 2 —	C 3 B D
B 4 B — 3 —	B 4 B
Roque — 4 —	C 3 B R
P 4 D — 5 —	B 3 C? (a)
P x P — 6 —	CR x P? (b)
D 5 D — 7 —	D 2 R
D x C — 8 —	Roque
C 5 C — 9 —	P 3 C
D 4 T — 10 —	P 4 T
C 3 B D! — 11 —	C x P
C 5 D — 12 —	D 4 B
C 6 B x — 13 —	R 2 C
C x P x! — 14 —	P x C
C 4 R! — 15 —	D x B?
D 5 C x — 16 —	C 3 C
D 6 T x — 17 —	R 1 C
C 6 B mate (c) — 18 —	

- (a) Lance desastradissimo. As Pr. deveriam ter jogado P ou B x P.
- (b) Erro ainda maior. Seria preferivel CD 4 T.
- (c) Depois do 11º lance o ataque das Br. é irresistivel:

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 20 (A. W. Galitzky): 1 — P 5 D, *ad libitum*; 2 — T 6 B, *ad libitum*; 3 — T mate.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 21 (Winter Wood): 1 — D 3 R, *ad libitum*; 2 — D, P mate.

JOSÉ GUTULIO.

RESULTADO ATÉ 7 DE OUTUBRO DE 1905

Concurrentes	A. de Andrade	A. Pereira	A. Burlamaqui	A. Silva	E. Tito de Sá	Frota Pessoa	G. Cunha	H. Bastos	H. Costa	José Piza	Libanio Lins	Q. Bocayuva	Raul de Castro	R. S. Quayle	Th. Torres	Ouro Preto	W. B. Hentz	N. de pontos
Alvaro de Andrade			1	0	0		0			0	0	1	0	0		0		2
Annibal Pereira				1/2		0	1	1	0	0				0		0	0	2 1/2
Armando Burlamaqui	0							0					0	1/2		0		1/2
Augusto Silva	1	1/2				0				1	1	0	0	1	0	1		5 1/2
E. Tito de Sá	1						1	0	0		1	0	0	0		1/2		3 1/2
Frota Pessoa		1		1				1			1				0	0	0	4
Godofredo Cunha	1	0			0			0	0	0	1		0		0	1		3
Heitor Bastos		0	1		1	0	1						1	1			1	6
Henrique Costa		1			1		1			0		1						4
José Piza	1	1		0			1		1				1/2				1	5 1/2
Libanio Lins	1			0	0	0	0								0	0		1
Q. Bocayuva Junior	0			1	1				0					0				2
Raul de Castro	1		1	1	1		1	0		1/2					1/2	1		7
R. S. Quayle	1	1	1/2	0	1			0				1			0	1	1	6 1/2
Theophilo Torres				1		1	1				1		1/2	1		1		6 1/2
Vicente Ouro Preto	1	1	1	0	1/2	1	0				1		0	0	0			5 1/2
W. B. Hentz		1				1		0		0				0				2